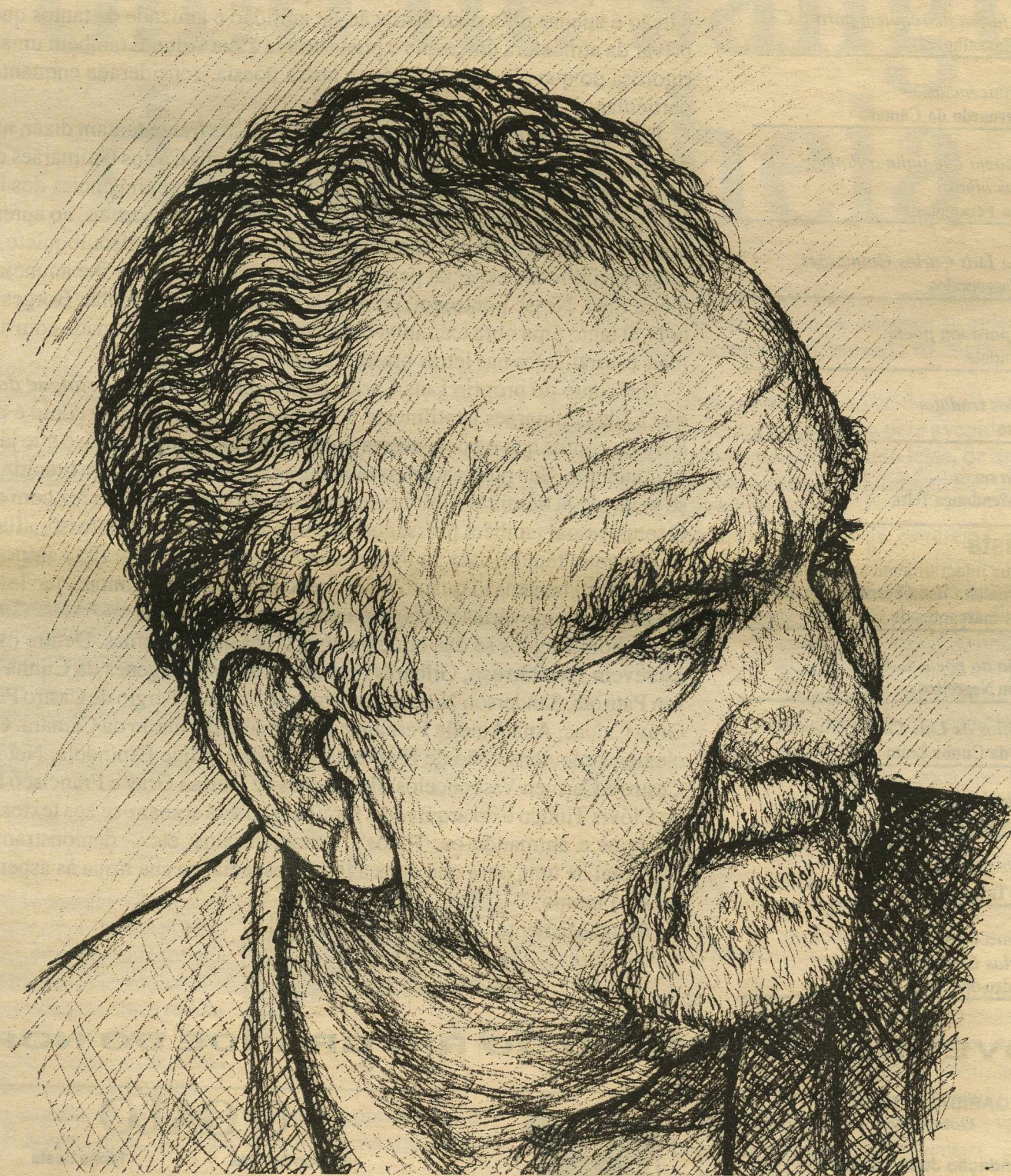


O GALO

ANO XIII - Nº 07 - Julho, 2001

NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA



Luís Carlos Guimarães

- 03 *O olho de sangue da lua cheia*
Luís Carlos Guimarães
- 06 *A intuição poética de Luís Carlos Guimarães*
Nelson Patriota
- 07 *Réquiem para o poeta Luís Carlos Guimarães*
Dorian Gray Caldas
- 08 *Rondó em forma de réquiem para L.C.G.*
Francisco Carvalho
- 09 *Fuga em reticências...*
Nathalie Bernardo da Câmara
- 11 *Carta ao poeta que tinha o Potengi tatuado nos olhos*
Ana Amélia Fernandes
- 12 *Réquiem a Luís Carlos Guimarães*
Carmen Vasconcelos
- 12 *Réquiem para um poeta*
Alice Espíndola
- 13 *Luís Carlos tradutor*
Ivo Barroso
- 14 *O fruto da terra*
Gilberto Mendonça Teles
- 15 **Entrevista**
O GALO reproduz integralmente a entrevista que o poeta deu à jornalista Ilana Ferreira, em que ele evoca momentos marcantes de sua vida.
- 19 *Saudação ao poeta L. C. G.*
Sanderson Negreiros
- 21 *Os epitáfios de Luís Carlos Guimarães*
Diógenes da Cunha Lima
- 22 *A ausência do poeta*
Sérgio de Castro Pinto
- 23 *Os sinos de Nêmesis*
Ciro José Tavares
- 24 *Elegia para o poeta*
Luís Carlos Guimarães
Nei Leandro de Castro

Elegia coral para o poeta Luís Carlos Guimarães

Foram necessários dois meses para a concretização do projeto desta edição em homenagem ao poeta Luís Carlos Guimarães, cuja aventura humana encerrou-se no dia 22 de maio passado, e cuja obra desabrocha com viço renovado a cada manhã da poesia. O conjunto de textos, poemas, desenhos e fotos que enforma esta edição é apenas uma demonstração de gratidão e amizade de tantos que puderam privar da atmosfera única que o poeta criava à sua volta. É também uma afirmação rigorosa do que ela significa para a nossa poesia, considerada enquanto uma arte particular.

Em suma, o que os textos que o leitor tem à sua frente tentam dizer, não importa a forma em que se apresentem, é que a obra que Luís Carlos Guimarães deixou está destinada à permanência, voltada que é não para as contingências dos ismos, mas toda atenta à musicalidade das palavras, à alquimia das formas, ao aprendizado da poesia. E não se poderia esperar algo diferente de um artista inquieto, dotado de uma sensibilidade especial para a novidade que parecia ser-lhe anunciada em primeira mão. Nesse ponto, foi, em essência, um poeta exemplar. Borgesianamente: deixou tanto uma obra exemplar como um exemplo de sociedade com a poesia dos mais estimulantes nas letras brasileiras de nosso tempo.

Um conto do próprio Luís Carlos Guimarães – *O olho de sangue da lua cheia*, que Lêda Guimarães gentilmente cedeu – abre esta edição. O conto é parte de um livro de contos que o poeta estava preparando há algum tempo, e que já considerava concluído. Sua publicação certamente enriquecerá a sua obra literária pois, como se verá, ele já dominava inteiramente a arte do conto, como o fez com a da poesia. O tom pessoal também prossegue na entrevista que deu à professora Ilana Ferreira Cavalcante, republicada aqui com a autorização da autora. Ela é importante tanto devido à sua extensão quanto à pertinência das suas perguntas, que levaram o poeta a rememorar várias passagens marcantes de sua vida.

As homenagens se dão em dois níveis: ensaios e poemas. Dentre os primeiros, escrevem Ivo Barroso, Gilberto Mendonça Teles, Diógenes da Cunha Lima, Nelson Patriota, Sanderson Negreiros, Ciro José Tavares, Sérgio de Castro Pinto, Dorian Gray Caldas, Ana Amélia Fernandes e Nathalie Bernardo da Câmara. Os poemas - elegias e réquiens - são de Francisco Carvalho, Alice Espíndola, Nei Leandro de Castro e Carmen Vasconcelos. Ilustrações de Dorian Gray e Francisco Iran, e fotos de Clóvis Tinôco e do arquivo da família do poeta somam-se aos textos, movimentando-os e animando-os. Todos - textos, ensaios, etc. - demonstram a verdade essencial de uma obra que opôs a leveza especial da sua lírica às asperezas do seu (nosso) tempo.

Atenciosamente,
O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Sérgio de Castro Pinto, Dorian Gray Caldas, Nei Leandro de Castro, Sanderson Negreiros, Gilberto Mendonça Teles, Nathalie Bernardo da Câmara, Alice Espíndola, Ana Amélia Fernandes, Ivo Barroso, Carmen Vasconcelos, Ilana Ferreira Cavalcante, Diógenes da Cunha Lima e Ciro José Tavares.

Capa: Bico-de-pena de Francisco Iran.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342. E-mail do editor: nelson@digicom.br

A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Luís Carlos Guimarães sempre encarou a prosa, especialmente o conto, como uma extensão da arte poética. Entre outros reconhecimentos nesse gênero, que recebeu o Prêmio Banco Real de Talentos da Maioridade, em 1999, com o conto "A Pastora e o Arco-íris", (O Galo de junho de 2000). o conto abaixo é parte de um livro inédito de contos que o poeta deixou.



O olho de sangue da lua cheia

Luís Carlos Guimarães

Cancão quando chegou ao bar Beira Rio deu a notícia da morte de Lula Capeta e da animação do velório na sua casa no bairro das Rocas.

Luizinho Doblecheque, driblador de três enfartes e o mais velho da turma, com uma lágrima a explodir no canto do olho, disse compungido:

— Mais um da família vai embora.

Albimar Marinho, o bacharel da vida, na sua linguagem forense rebateu:

— A morte como a cerveja é um direito líquido e certo e não tem prazo para contestação. O fato tem jurisprudência firmada em todos os tribunais da vida.

Guerreiro, exclamativo, no tom belicoso de sempre:

— Lula Capeta perdeu a última batalha.

Vinte e três horas no relógio da noite. Saíram para velar o amigo defunto.

O Gordo, que saudava todos os acontecimentos recitando uma poesia, olhando a lua no céu, deu uma topada num paralelepípedo. Mesmo com a fisionomia contraída pela dor, a redonda voz sonora do Gordo vibrou como pedaço de canção ouvida em serenata distante no silêncio da madrugada:

— Lá vai a vagabunda do espaço, pendurada por um fio da imaginação. E acrescentou: — Que soneto vou recitar para a viúva?

Cancão, figura curiosa de chofer e boêmio, numa linguagem que tudo relacionava com as peças de seu desbaratado e irredimível Ford V-8, num aviso para evitar tombos futuros:

— Gordo, cuidado com o pára-choque no meio-fio. Vamos depressa, que preciso botar água no radiador. E dirigindo-se para Amâncio Puá:

— Você não diz nada? Está com a buzina quebrada?

— O Capeta era um manso de coração — respondeu Puá, o poeta da turma, e continuou flautando na maré de lembranças do amigo...

Deixaram para trás a estreita rua Frei Miguelinho, escalaram a colina da Ribeira e agora avançavam pela avenida dos Correios. Para não contornarem o porto pelo lado leste, de assédio difícil e mais distante da casa de Lula Capeta, tinham que furar o cerco do vigia no portão central do cais.

Numa bem sucedida operação de estratégia, planejada por Amâncio Puá, passaram deitados por uma brecha da muralha de arame e ferro, embocaram no beco das Rosas, dobraram à direita e tomaram de assalto a casa de nº 35, da rua da Floresta. Lá os

esperava a viúva Arlinda, duas lágrimas do tamanho de um grão de milho penduradas abaixo das pestanas dos olhos verdes de esmeralda, imóveis, grudadas, como se fossem de matéria plástica. Na boca um fio de sorriso indefinível que podia significar a ventura de estar viva e moça e com tanta saúde para enfrentar os embates da vida.

Dando um passo à frente, Luizinho abraçou Arlinda, e na postura que o momento exigia:

— Estou aqui, em nome da família, para transmitir-lhe nossas condolências por tão infausto evento.

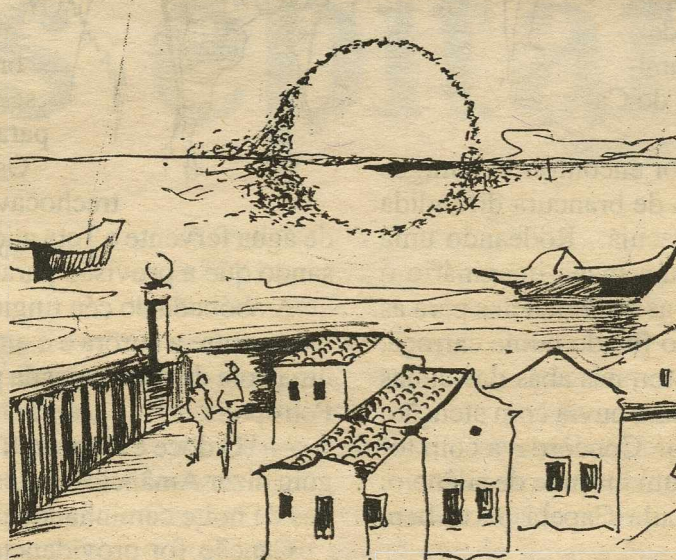
Guerreiro, natural, sem a pose de combatente, a voz contida:

— Meus pêsames. Não existe arma que possa vencer a morte. Pela primeira vez o Gordo esqueceu o soneto. Talvez por isso o abraço foi mais demorado.

— Quando falta gasolina, o carro tem que parar — foi a saída de Cancão ao apertar a mão de viúva.

Albimar, solene, analisando toda a exuberância da mulata:

— Querida Arlinda, estou estudando que recurso impetrarei à Justiça Divina. Mas a última palavra cabe a você. Se minha autoridade jurídica me desse poderes para tanto, aqui traria a banda



da minha cidade natal, Canguaretama, para tocar o dobrado mais sentimental que houver, em homenagem ao inesquecível Lula Capeta.

A mulata Arlinda, o vestido roxo com flores e peixes amarelos, o mesmo sorriso e as duas lágrimas coladas nas olheiras, à aproximação de Puá, sem deixar que ele falasse nada, disse com a voz de apelo:

— Antes de morrer ele perguntou por você, Puá, — e olhando para os outros, já dentro da sala: — Vamos entrando. Não vai faltar bebida e tira-gosto.

Agora estavam diante do Capeta, estirado no caixão sobre a mesa no centro da sala. A morte alojada nas entranhas como formigas no formigueiro, ainda não tinha aflorado à rotunda carcaca de cem quilos, iluminada pela luz cruel da lâmpada sem abajur.

As pessoas que guardavam o morto, umas em pé e outras sentadas, usavam roupas fora de uso e pareciam dormir suspensas no espaço. A expressão zombeteira e ao mesmo tempo serena do morto deu a Amâncio a impressão de que ele simulava dormir e podia de repente acordar.

Tomou-se de pânico quando viu as evoluções de uma mosca sobre o esquife e o súbito pouso numa das narinas do cadáver. Aconteceu em segundos a previsão de Puá: depois de franzir as sobancelhas, contrair o canto da boca no cacoete costumeiro e fungar o nariz, Lula Capeta disparou um estrondoso espirro, que não foi ouvido pelos seus amigos e muito menos pelos que ali velavam em letargia.

O comportamento estranho do morto, percebido apenas por Amâncio, não só desanuviou o pânico, como foi um sinal de amizade de além da vida e o último deboche do Capeta espirrando na cara da morte.

Ao chamado de Arlinda, Amâncio foi encontrar os amigos abancados no quintal, dentro da clareira de brancura difundida pela luz engastada na ramagem de maracujá. Rodeando uma garrafa de aguardente, traçavam sobre um mapa imaginário o roteiro do enterro do Capeta e discutiam as providências para as paradas de abastecimento e transporte do finado numa carroça, no percurso até o cemitério do Bom Pastor, nas abas das dunas de Nova Descoberta. Puá, a boca afivelada, ouvia com atenção; não tanta que esquecesse de virar o copo. Concordava com todos os pontos do programa e aproveitou um instante de silêncio:

— Proponho e voto que o amigo Lula Capeta parta bem cedinho, no sol manso da manhã.

A proposta recebeu aprovação, com os votos dos cinco da assembléia e o de Arlinda, chegando no momento da votação com caldo de camarão e bolinhos de buchada.

Colhendo a mais bela romã da romãzeira, Amâncio foi à sala e quando depositou a redonda fruta no peito de Papa, ele piscou o olho agradecido. Amâncio Puá, aquele que discursava no reino da fábula, que brandia na mão direita parábolas bíblicas e distribuía generoso máximas latinas, que vivia do sonho e da imaginação, revolveu a desbotada memória e disse, respeitoso:

— “Coragem, valente criança, é assim que se vai ao reino dos

céus.”

— Puá, vem cá? Vem cá, Puá? Puá, vem cá? Puá...? — esganiçava o papagaio no poleiro do quintal.

No sopro da brisa da madrugada chegaram Tota Zerôncio e Zé Areia de uma pescaria nas gamboas do mangue na outra margem do rio. Da camisa aberta transbordava a obesidade flamejante de Tota, trazendo a tiracolo uma lata de onde desabrochavam siris e caranguejos.

— Junta-te à família e serás um deles — saudou Luizinho Doblecheque, o olho esquerdo já fechado.

Zé Areia, com a costureira malícia, referindo-se à viúva:

— Esse passarinho vai voar muito cedo. Senhor, ouvi minha prece, fazei com que ele vá cair no meu alçapão.

Cancão, mesmo extasiado com a segunda garrafa que Arlinda colocou à sua frente, não se conteve ao comentário de Zé Areia:

— Que conversinha é essa? Seu motor de arranco não pega mais. E todo homem só tem um para a vida toda.

Albimar, como se estivesse presidindo uma audiência:

— A suplicante pode entrar em pauta dentro de uma semana.

— Você encontrou o general morto antes da batalha começar. Não há razão para cobrar vitória — comentou Guerreiro numa alusão a uma velha dívida que o Capeta nunca pagou a Tota, mais por pirraça e jogo de marotagem.

Tota relampejou a retumbante gargalhada, capaz de descascar o reboco das paredes.

Arlinda atendia aos que guardavam o morto na sala e no quintal não deixava que faltasse nada — o tira-gosto e a bebida —, que os amigos do marido com gana, faziam num instante desaparecer. A viúva conservava a mesma expressão: as duas lágrimas ancoradas abaixo dos cílios e o branco sorriso sem alteração, como esses dos manequins nas lojas de artigos para mulheres.

Os caranguejos e siris espumavam e entrechocavam as patas estertorando no caldeirão de água fervente e Tota aticava as labaredas com um abano, pensando que a provisão para a viagem estava quase no ponto.

A abóbada do céu tingiu-se da cor de vinho, na hora intermediária entre a aurora e o amanhecer, para depois raiar o sol como uma bola de fogo lançada para o alto das encostas dos morros de Petrópolis.

— “Ó doce e incorruptível aurora!” — foi tudo quanto conseguiu dizer Amâncio, contemplando a esbulhada majestade de trevas da noite caminhando dilacerada ao encontro do dia.

Cancão foi providenciar a carroça para conduzir o féretro, enquanto os demais parlamentavam sobre a conveniência do caminho mais curto, à margem do rio Potengi, entremeado de botequins e casas de pescadores, que à passagem do morto engrossariam o funeral.

Na espera viraram mais copos. Duas horas mais tarde regressou Cancão com o carroceiro: um homem nunca visto, velho, muito alto e magro, sempre a acariciar um invisível cavanhaque, um chapéu cinzento que parecia pregado à cabeça, como a esconder qualquer protuberância óssea, na opinião maldosa de Puá.

Nove horas da manhã, na ocasião de cobrir o caixão com a



tampa, Arlinda entrou para seu quarto para tirar a máscara de manequim e de lá não voltou.

Puá remirou o amigo pelo retângulo de vidro do ataúde: uma careta de perplexidade espalhava-se por todo o rosto. "A careta de desgosto de quem parte para o desterro eterno", concluiu Amâncio.

O enterro saiu rápido, mas por alguns instantes ficou inteiro no ar o uivo lancinante do papagaio:

— Não vá, Capeta! Não vá, Capetinha!

A carroça seguia na frente acompanhado pelo cortejo que arrebanhava mais gente ao longo da via de trilhos.

Das mangas do paletó muito largo e frouxo do carroceiro apontavam mãos esguias e finas como extremidades de asas. Não se via seus olhos, afundados sob as espessas sobrancelhas. A voz ainda não se fizera ouvir sequer uma vez, mas Puá a ele se acostumara sem nenhum temor, vendo naquele homem magro, desconhecido e agora velhíssimo à luz ofuscante do sol da manhã, um íntimo dos mortos; alguém que sempre viveu a carregar defuntos.

Do trem que chegava do sertão, da janela da locomotiva, com a cara suja de fuligem o maquinista saudou o morto que passava num demorado aceno de adeus.

Empurrados pelo vento, botes rumavam ligeiros

para a pescaria na pedra da Bicuda, de onde retornariam no outro dia abarrotados de cavalas, ciobas e arabaianas. Um barco a motor, atravancado de côvãos para pesca de lagosta, gemeu seu lamentoso apito.

Luizinho Doblecheque, porejando cansaço, agitava o lenço amarelo como uma bandeira para aliviar o calor do meio-dia, olhou aflito para o Gordo e Guerreiro pedindo socorro, quando avistou o boteco Pé do Gavião.

— Uma cervejinha gelada reanimará o velho comandante - opinou Guerreiro.

— Uma não. "Tantas quantas bastem para espalhar o sangue" — objetou o Gordo, encaixando um verso da Ode à Cerveja, do poeta paraibano Mocidade.

À sombra de uma mangueira florida de borboletas e mariposas, abrigaram o finado e seu condutor. Amâncio retirou a tampa do caixão e passou um lenço molhado de cerveja na testa suada do Capeta. Sentiu quase remorso com seu ar de desânimo. Sentimento talvez de culpa por estarem a essa hora, passando já do meio-dia, tão atrasados na viagem.

Olhou curioso para o carroceiro: da boca que sugeria um delgado traço de faca na pele não se desprendia nenhuma palavra; a postura do corpo curvado no assento da boléia era a imagem da discrição, do alheamento, do silêncio e interminável espera.

Demoraram no Pé do Gavião dez sonetos do Gordo. E outras tantas anedotas do incrível Tota, ilustradas com reboantes gargalhadas. Albimar ensaiou um discurso impetrando um habeas corpus para o Além, talvez até um recurso extraordinário para Deus ressuscitar o falecido, interrompido, no auge de sua eloquência, por um aparte de Guerreiro, pela necessidade de continuar a jornada.

Colheram mariposas e borboletas da mangueira e adornaram

o caixão do Capeta. Delas recendia um estonteante odor vegetal, igual ao da braçada de girassóis que Tota conseguiu no quintal abandonado, ali perto da linha de ferro. A pequena multidão que acompanhava o cortejo dispersou-se, sem que nenhum deles notasse a deserção, mas a marcha prosseguiu com os sete, com o guia carroceiro impassível, agachado na boléia como humilhado espantinho abominado pelos passarinhos.

Deixaram à direita o porto do rio salgado, os pequenos estaleiros montados nos barrancos das margens, a alvura luminosa das salinas de Igapó. Para trás ficaram os trilhos e as ruas da Misericórdia, da Soledade e da Desventura. Enveredaram no apertado corredor de um beco estreitíssimo e pensaram ganhar novo companheiro quando um galo branco voou de um telhado para empoleirar-se impávido sobre a tampa do caixão.

Numa breve parada, Amâncio não esqueceu de assistir o defunto pela última vez. Limpando com o lenço o vidro empoeirado

da tampa, pôde ver o enfado mortal do Capeta, o rosto cortado por fundas rugas de sofrimento, com o apelo para o libertarem da viagem sem fim que o

tornara tão antigo. Antes de deixá-lo, Puá ainda ouviu o rumor incômodo do arroto que embaciou o vidro e afastou para sempre a imagem do amigo.

Até o cemitério, foi um caminho de silêncio e tristeza, na hora condenada do crepúsculo, quando o dia se rende à noite, que não tardaria em doar ao mundo sua magnificência corada de estrelas. Os sete iam desanimados a poucos passos da carroça. Somente o altaneiro galo branco ao lado do carroceiro que, sumido na postura arqueada, tangia o cavalo de sombra.

Pela avenida da Saudade atingiram o grande portão em arco do cemitério. Foram parar diante da cova destinada ao Capeta, ensombrada pela galharia de um cajueiro,

que se expandia roçando o chão. O sonolento coveiro há muitos anos esperava apoiado ao tronco da árvore, a pá firme que parecia nascida das mãos acostumadas a plantar sementes de mortos. Em minutos o caixão desceu à sepultura, aterrado pelas mãos trêmulas de exaustão e álcool dos sete, que nem perceberam o desaparecimento misterioso do carroceiro e do coveiro, nem a presença do galo branco vigilante no jazigo vizinho. Os sete agora estavam sozinhos no campo da morte, dominados pelo sono entre os túmulos.

Antes de adormecer, Amâncio sentiu a mesma aragem mágica dos tempos de menino, que descia todas as tardes com o vento nordeste das cumeeiras da serra do Feiticeiro. Emboscado por trás das dunas de Nova Descoberta, mostrou-se de repente o descomunal olho vermelho da lua cheia. A censura do olho de sangue da lua aos que dormiam embaixo do cajueiro e em cima do morto que acabavam de enterrar.

Amâncio Puá sonhava com o sangrento coração do amigo subindo ao céu como um balão.





Nelson Patriota é sociólogo, jornalista e editor de O GALO. Seu texto abaixo trata da preocupação de Luís Carlos Guimarães em buscar novos poetas, traço que o distinguia e que lhe permitia dialogar com várias gerações de poetas, inclusive descobrindo-os, incentivando-os, ajudando-os a sair do ineditismo e do anonimato.

A intuição poética

de Luís Carlos Guimarães

*The poem's existence is somewhere
between the writer and the reader*
T.S. Eliot

Nelson Patriota

Num estudo célebre, intitulado "The use of poetry and the use of criticism", o poeta e crítico inglês T. S. Eliot sugere que o lugar do poema deve estar num entre-lugar situado entre o autor e o leitor. A esmagadora maioria dos poetas entende o que Eliot quis dizer, embora seja um saber que amiúde permanece latente, lateral, inapreensível, por vezes. Quando pensamos em Luís Carlos Guimarães, temos a certeza de que ele compartilhava desse ponto de vista externada pelo autor de *Ash Wednesday*. A rigor não cometeríamos um exagero se disséssimos que Luís Carlos Guimarães tinha um apetite especial por poesia.

De muitas maneiras se apresentava esse *apetite pela poesia* em Luís Carlos Guimarães. Uma delas, senão a mais freqüente, era no trato com os amigos, fosse no balcão de um café, no saguão de uma livraria, numa mesa de bar ou num vernissage. Qualquer lugar lhe parecia própria para falar de poesia, fosse de um poema que estivesse escrevendo ou traduzindo, fosse de um novo livro ou um novo poeta que estivesse descobrindo. E certamente ele tinha um talento especial para descobrir poetas. Não foi à toa que disponibilizou na sua página *Pois é a poesia*, que manteve durante quase dois ininterruptos neste jornal, endereço e telefone. Seu propósito era não só procurar novos poetas, mas ser procurado por eles. E, de fato, aconteceu pois os novos poetas entenderam o gesto que se lhes foi dirigido e o buscaram. Foi assim com a poetisa Carmen Vasconcelos, que a ele confiou inteiramente a edição de seu *Chuva ácida*, e que resultou numa das estréias

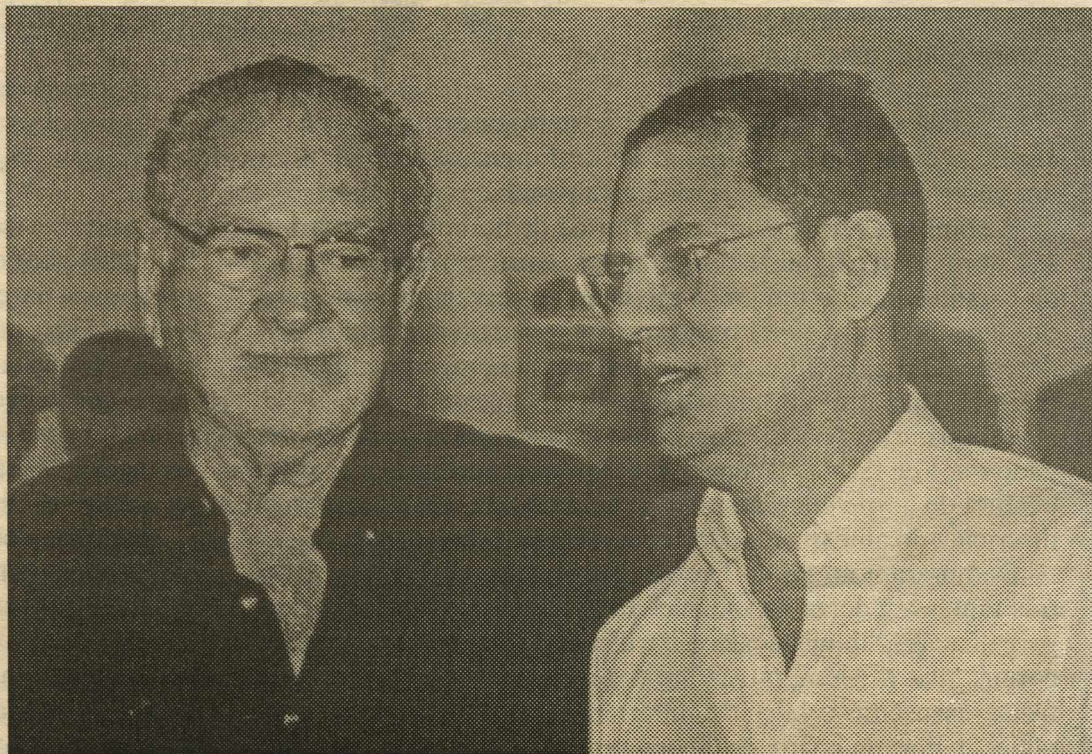
mais animadoras da poesia norte-riograndense dos últimos anos. De fato, Luís Carlos Guimarães não teve receio em anunciá-la como "uma das mais promissoras revelações de poeta dos últimos anos". Num determinado momento da apresentação de Carmen Vasconcelos, o poeta triunfa sobre o crítico sem, no entanto, renegá-lo ou diminuí-lo. Diz o poeta: "... Na diversidade dos seus temas, vaga pela noite, noctâmbula, e pode ser entrevista por uma porta entreaberta na penumbra de uma sala. Durante o dia desabrocha em girassóis aflitos que gritam amarelos aprisionando o sol". Como das outras vezes, sua intuição poética não o traiu.

Assim também procedeu em relação a Márcio de Lima Dantas, a Marcelo Ribeiro Dantas, a Iracema Macedo – todos estreantes em livros individuais – sem esquecer, todavia, de dialogar com os poetas de sua geração, como Sanderson Negreiros,

Dorian Gray Caldas, Paulo de Tarso Correia de Melo, Diógenes da Cunha Lima, Marise Castro, Diva Cunha, João Gualberto Aguiar e Nei Leandro de Castro. Em todos soube ler o traço distintivo, a textura própria de seus poemas, os matices que lhe são peculiares.

Paralelamente a essas abordagens sincrônicas, tanto dos novos como dos já editados, Luís Carlos Guimarães iniciou um terceiro caminho, desta vez diacrônico, onde se deteve sobre as obras de Myriam Coeli e Luís Patriota.

O apetite pela poesia, aliado a uma profunda intuição poética, marcou a vida desse poeta extraordinário que foi Luís Carlos Guimarães, tão extraordinário em seu singular estado de ser que criou uma espécie de convívio poético por onde conduziu-o a poesia. Sua coluna em *O Galo* representa apenas uma pequena fração do muito que fez pela Poesia.



Luís Carlos Guimarães e o jornalista Nelson Patriota construíram em torno do jornal O Galo, que o poeta marcou com sua coluna "Pois é a poesia", uma amizade que nunca cessou de crescer

Dorian Gray Caldas, artista plástico, poeta e crítico de arte, reflete sobre a perda pessoal que sofreu com a morte do companheiro e amigo fraterno, e assinala, abatido por enorme pesar: "É difícil nascer com o destino de poeta e viver entre os demais, em harmonia com as aparências, com a certeza dos justos e a grandeza dos eleitos".



Réquiem para o poeta

Luís Carlos Guimarães

Dorian Gray Caldas

A palavra queima nos meus dedos, escrevo e dói, a mão pesa quase inútil; punho contra a morte. Dizem, a dor é muda, o sentimento voa, em qual céu ou espaço estão tuas asas de poeta? O vôo alto que sempre sonhaste? Companheiro de tantas décadas, adolescente, sorvíamos o ar noturno, as brisas do mar, as luas azuis, os bens dos livros, as ruas, os terraços em sombras; noturno, vejo-te no cerne das coisas essenciais; o trigo deste pão que se repartia com os amigos e agora após os anos que se foram breves nos relógios ou nas longas e intermináveis horas das sombras douradas das árvores, o fruto maduro da poesia, a fina tessitura da palavra. Qual morte procuraste? Se do infarto fatal não podias escapar? E me disseste, naquela tarde, "estou me acostumando com a idéia de morrer". Não me acostumo, poeta, digo como Edna St. Vincent Millay, "mas não aprovo" esta ausência.

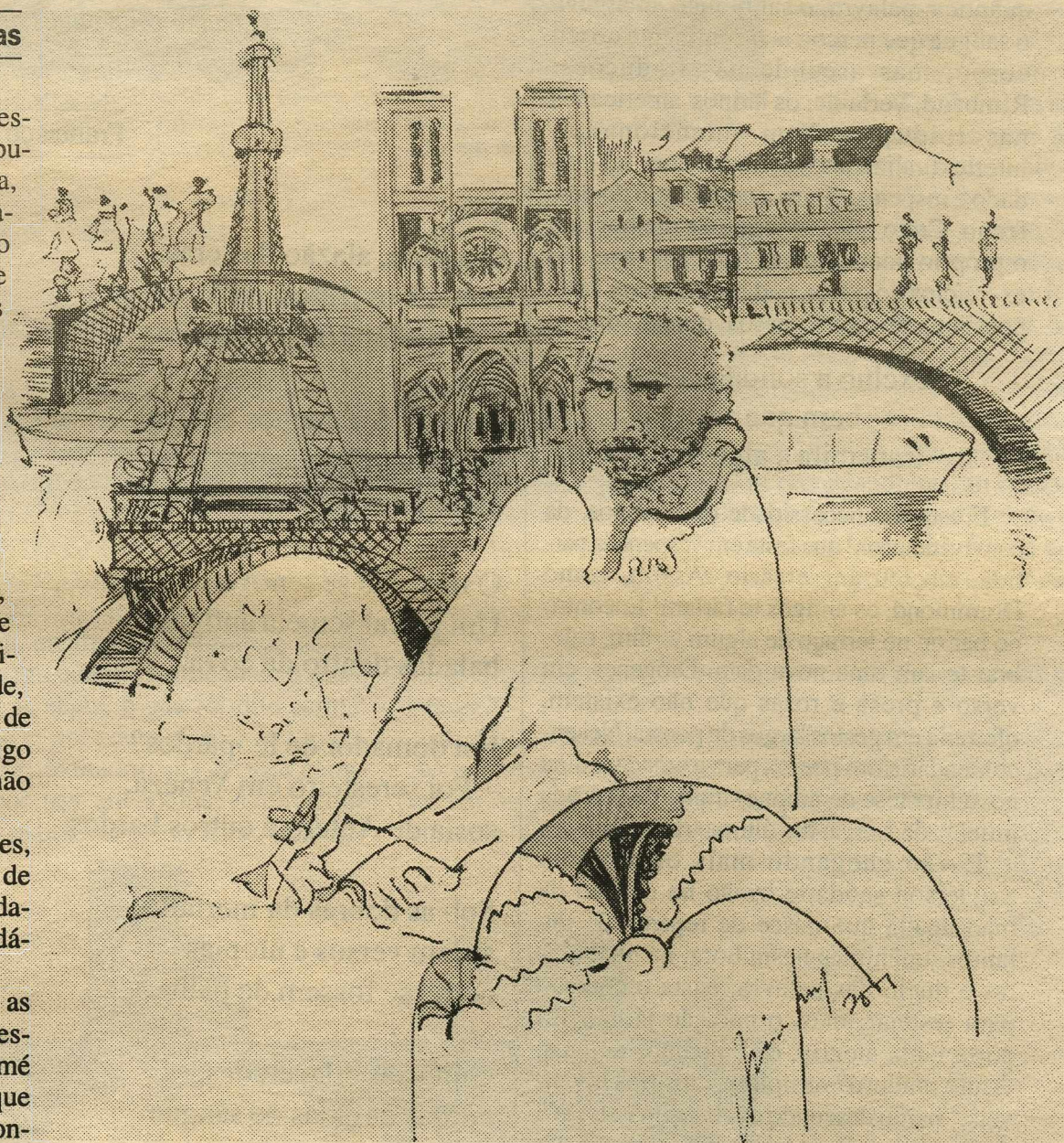
Estamos os três na praça entre verdes, Sanderson dez anos mais jovem. Você de mim cinco anos, mas temos a mesma idade da alma. Nunca contamos no calendário estes anos que nos separavam.

Estou diante do teu retrato, poeta, as palavras espalham-se na tessitura da escrita; mil palavras nada dizem. Mallarmé escreve: "li todos os livros, todos!" O que pode a palavra de encontro ao duro concreto, ao mármore mais puro, ao bronze mais eterno? Que pode a palavra, sortilégio da eleição, emoção da alma, cinza do carvão, enganos, contradições ao longo exercício das distâncias, ser maior que a vida, a extraordinária vida que a simples presença confirma? Para que não doa tanto, seja a palavra puro alento berceuse de tudo que se perde a cada dia; tudo que se despede a cada hora. Barco que parte deste cais; estrela caída sobre nós, horas dobra-

das e guardadas nas folhas enormes deste livro da eternidade.

Reclamo e procuro os dias pretéritos, o doce encanto, o vinho da vida, as jovens e imorredouras horas da juventude. Tínhamos este dom do paraíso: saber que a poesia nos salvaria do tédio, do ócio, do comum, da serventia, das torturantes burocracias. A eleição da poesia salvou-nos dos

encargos comuns, do dia-a-dia. Lêda, tua querida companheira, e seus filhos sabiam quanto custava ao poeta as gentis rosas miúdas do convívio, que enriquecias com teus gestos, tuas fugas, sempre generoso com os amigos. É difícil nascer com o destino de poeta e viver entre os demais, em harmonia com as aparências, com a certeza dos justos e a grandeza dos eleitos. Mas,



se isto não bastasse, completavas os dias com projetos, viagens, leitura, cinema, versos e mais versos. Todas as formas permitidas que sopravam no coração do poeta em qualquer parte, Paris ou Madri, Currais Novos ou Búzios, quando a hora abissal, aquela que retiravas dos espelhos visitados em companhia de Neruda, nas odes noturnas do poeta. A poesia deve ter nascido prematura, no menino azul do velocípede, ou veio a ti predestinação dos deuses. O poeta não finge ser poeta, é poeta. Sente-se no ar, algo inefável, energia quântica; palavra, o sal bíblico amargava o sangue que percorria o continente do teu corpo, mas ascende nas traduções: Rimbaud, Verlaine, os latinos-americanos nas traduções bem intencionadas, intertextualizadas, recriadas com tal cuidado e respeito, vivias a textura do desfecho. Creio que em algumas melhor que o próprio poeta, que as fez. Mas, isto são exercícios do poeta, nada se compara à sua poesia na primeira pessoa, quando diz:

“excluo a solidão como
bem que se
transmita a alguém.”

E esta tua necessidade dos amigos, da convivência; oh! que festa em véspera da partida, em teu aniversário. Assim, como Drummond, os amigos te fariam! Encontro no bar ou no terraço de algum jardim, celebrar-te-iam uma nova data. Diógenes, em verso e prosa e rosas que não existem, ofertaria em gestos largos de poesia. Nei encomendaria um poema para a amada, numa nova hipótese de amor extraída da “casada infiel”, de Lorca, tua última tradução..

E vão chegando mais os amigos: Sanderson saúda-te irmão na canção da madrugada que nasce de repente. E são tantos, unânimes nesta hora, na qual evitas o duelo das palavras, basta o coração para festejar; mas, o coração já não suporta tanta alegria, e se doa aos amigos, “fruto maduro” rompido pelos fios invisíveis; “barco descendo os rios impassíveis”, de Rimbaud. Para falar de ti, crepuscular pierrô, deslizaste para a morte diante da porta que não abre e o desencontro da chave. Eliot sabia que atrás da porta encontramos a resposta. Será verdade? Ó surdo baque, ó doido som do corpo que desaba de todos os céus da poesia. Ó triste resposta do chão, mas, é para o alto que os pássaros levantam o teu corpo sem a pauta das notas, nas asas azuis, sem “ponto de fuga”, asas que te levam para outra imprevisível eternidade.



O poeta **Francisco Carvalho** foi uma das admirações de Luís Carlos Guimarães, admiração que foi retribuída no mínimo em igual medida pelo vate cearense, que lhe faz uma homenagem pungente, nascida da amizade que a distância não conseguiu abater, agora que o poeta «veleja essas naus feitas de chuva».

Rondó em forma de réquiem

para Luís Carlos Guimarães

O tempo rói colunas de mármore, quanto mais corações de cera.
Padre Antônio Vieira, Sermões

Francisco Carvalho

O tempo, alazão das eras,
esmaga os frutos maduros
e os brotos da primavera.

Frescor dos cachos de uva.
O poeta veleja agora
essas naus feitas de chuva.

O mistério se renova.
Um jogral semeia antigas
baladas dentro da cova.

Foi domador de leopardos?
– Foi seresteiro em Veneza,
sósia de Antero e outros bardos.

Sob as dobras da mortalha
ardem versos e utopias
como se fossem de palha.

Guitarras dilaceradas,
cordas ungidas de sangue
soluçam nas madrugadas.

Caladas e em romaria,
vão ao enterro de Lorca
que a noite já expulsa o dia.

Nuvem de azul, passarinho,
alegoria de um seio
que arrulha embaixo do linho.

Nossos mitos e utopias:
miragens que se evaporam
na correnteza dos dias.

Adeus à voz que flutua
nas ondas de um rio amargo
que deságua numa rua.

Vagam sombras nas esferas.
(As sombras que o florentino
trouxe do fundo das eras).

A chuva dança nas telhas.
Os campos estão molhados
com saudade das ovelhas.

Sopra o vento da agonia.
Sangram touros e papoulas
na estrada de Andaluzia.

Bardos com seus alaúdes
desfolham versos nos seios
de Adelaides e Gertrudes.

Luís Carlos Guimarães
busca nos olhos da esfinge
os doces olhos das mães.

Desvenda o enigma da escrita
e acende os olhos da morte
dentro da noite infinita.

A escritora e cineasta **Nathalie Bernardo da Câmara**, amiga da família Guimarães, reconstitui um episódio extraído do espólio do tempo para refletir sobre uma das facetas do poeta Luís Carlos Guimarães: o viajante na França. O poeta é flagrado em sua condição humana, demasiadamente humana, numa visita ao monte Saint-Michel.



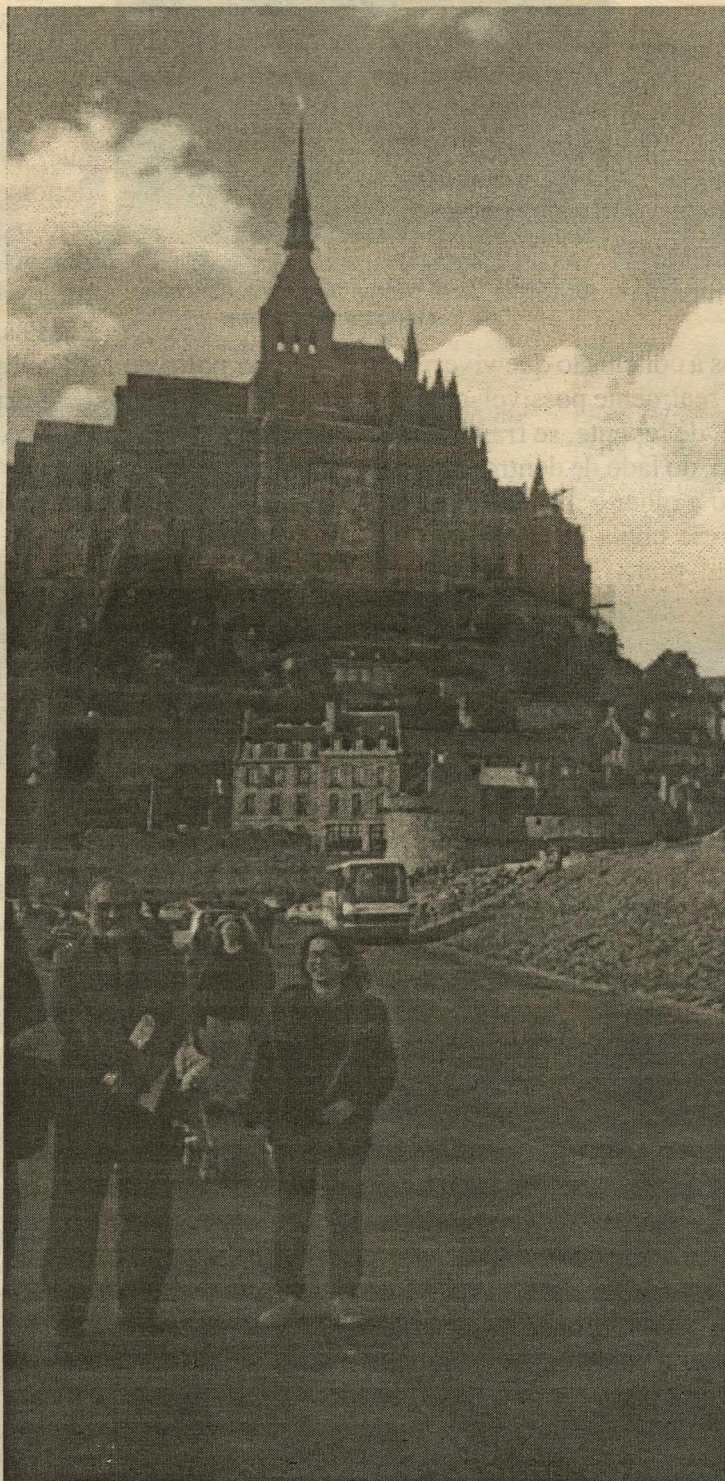
Fuga em reticências...

À Lêda Guimarães

Nathalie Bernardo da Câmara

PARIS. ABRIL DE 1994. Algumas batidas secas na porta levantam-me da cama de súbito. Do lado de fora, aguardando-me impaciente, já que eu havia perdido a hora, Laly Carneiro, minha madrinha e amiga de longa data dos meus pais – iríamos viajar no final de semana, juntamente com o seu marido, Serge Meignan, que nos esperava no carro, acompanhado do casal Luís Carlos Guimarães e Lêda, de passagem pela cidade das cidades, como muito bem definiu Paris a escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta. Assim, após receber das mãos de Luís Carlos e Lêda um grande envelope com cartas de meus familiares de Natal, recomendações e algumas encomendas, não demorou muito para que, pouco depois, partíssemos todos em direção ao Mont-Saint-Michel.

Um dos sonhos do poeta – na época, na iminência dos seus sessenta anos –, o monte, que eu também ainda não conhecia, abriga desde 966 um monastério de beneditinos, resistindo, como pode, aos séculos que passam, às guerras insanas, aos incêndios criminosos e a todos os tipos de intempéries. Atualmente, no entanto, o que tem tirado o sono dos monges é simplesmente a areia. Sim, isso mesmo, já que o Mont-Saint-Michel é, na verdade, uma pequena ilha rochosa, cravada na embocadura do rio Couesnon, fronteira entre a Normandia e a Bretanha, e a areia tem aumentado consideravelmente de nível ao longo dos anos, se transformando numa ameaça à sobrevi-



Em abril de 1994, o poeta Luís Carlos Guimarães visitou em companhia de Lêda, sua mulher, e da escritora Nathalie, um dos cartões postais da França, o Monte Saint-Michel

vência do monte, também conhecido como *La Merveille*, apesar de outrora já ter sido um presídio, com direito, inclusive, a uma sofisticada sala de torturas. Bom, mas essa é uma outra história! Já a nossa...

Finalmente, após horas de estrada, eis que vislumbramos o Mont-Saint-Michel, sobressaindo-se ao longe, na paisagem. De repente, quando menos esperamos, já estávamos diante de uma magnífica e deslumbrante baía, na qual o monte reinava e continua reinando absoluto, respirando imponência e magia, as quais costumam subverter até mesmo os sentidos dos mais empedernidos. Assim, diante de tanta beleza, nos rendemos à contemplação e, completamente entregues, fomos envolvidos pela poesia e pelo mistério do lugar, em puro êxtase. Mas, precisávamos aproveitar a maré baixa para acessarmos o monte, e prosseguimos, a pé, embalados pela maresia; a Primavera, generosa, iluminava, por sua vez, o nosso caminho, acalentando-nos com a sua morna temperatura e despertando em todos sensações até então adormecidas.

Em terra firme, demos início, portanto, à ascensão aos jardins, na cúpula do monastério, no alto do monte, que possui igualmente, na sua parte baixa, uma infra-estrutura capaz de satisfazer turistas os mais exigentes, assim como peregrinos e curiosos os mais variados. No entanto, apenas Laly, Lêda e eu aceitamos o desafio, já que Luís Carlos, safenado, preferiu não desafiar os seus próprios limites, ficando na companhia de Serge, tagarelando ruelas abaixo, enquanto nós três

desafiávamos as alturas. Porém, ao descermos o monte, horas depois, encontramos o poeta angustiado, preocupado que ficou com a nossa demora, embora, eu imagino, ele estivesse mesmo era com fome. Foi aí, então, que, muito oportunamente, Laly propôs que comêssemos algumas ostras à base de ervas, as quais foram devidamente degustadas. E até hoje lembradas.

Em seguida, ficamos sabendo dos efeitos das marés na região em noites de lua cheia. Sim, sempre nesse período, por influência da força da lua, o nível das águas da baía sobe de uma maneira que praticamente inviabiliza o acesso ao Mont-Saint-Michel. E muito menos nos deixa sair dele. Agora, se a travessia for feita de barco, seja para sair, seja para chegar até ele, o isolamento se desfaz. E esta história me interessou. Lembro, inclusive, de ter feito um comentário a respeito de tal experiência, e que vivê-la seria, no mínimo, fascinante, ou seja, passar cinco dias na ilha, sem comunicação, apenas desfrutando dos encantos e prazeres do lugar, há muito um misto de simbologias e de elementos sagrados e profanos.

Luís Carlos concordou e chegamos à conclusão que vivermos essa experiência, caso a mesma fosse realmente possível, o mundo até poderia parar do lado de fora e, de repente, se fragmentar, mas permaneceríamos em movimento, do lado de dentro, vivos e em constante mutação, reaprendendo a olhar e a enxergar. Não obstante, naquele dia, a lua não estaria cheia nem passava na cabeça dos demais tal aventura. Assim, pouco depois, já estava-



A janela ogival do monastério beneditino do Monte Saint-Michel filtra uma atmosfera de austeridade atemporal

indo do porto de Le Havre.

Mas, como era de se esperar, o dia ainda nos reservava algumas agradáveis surpresas e, de repente, após um giro rápido por Deauville, nos vimos em Trouville, estação balneária com um cassino magnífico, no qual, inclusive, apostamos alguns francos e, vale salientar, perdemos todos. E nem podíamos apostar mais, mesmo que quiséssemos, já que, logo depois, pegamos a estrada

para retornarmos a Paris. Luís Carlos, para quem tudo era festa, não demorou muito e já estava a sonhar com os encantos da Cidade Luz, onde chegamos ao cair da noite. Tanto que, hoje, lembrando dessa nossa viagem, depois de mais de sete anos, penso no poeta que, apesar de muito objetivo nos seus versos – Diogenes da Cunha Lima, de quem gosto muito, que me perdoe –, nos legou inúmeras reticências na sua poesia.

Sim, as reticências de Luís Carlos, assim como as de outros poetas, não imaculam a objetividade da poesia – se é que a poesia tem de ser objetiva. Afinal, como já dizia o nosso inesquecível Mário Quintana, “a maior conquista do pensamento ocidental foi o emprego das reticências...”. E é isso! Quanto a Luís Carlos Guimarães, o menino azul pode não ter morrido tragicamente num desastre de velocípede – como disse certa vez o poeta, num epitáfio escrito ainda em vida, em 1953 –, mas, com certeza, nunca deixará de ser o que sempre foi, apesar da vida dura e do mundo escuro, ou seja, uma semente de poesia emergindo do mar, assim como o Mont-Saint-Michel, temperada, pura e simplesmente, com o sal da palavra. E sempre permanecerá em cena, como todos os grandes poetas...



“Em noites de lua cheia, o nível das águas da baía sobe de uma maneira que praticamente inviabiliza o acesso ao Mont-Saint-Michel”

Ana Amélia Fernandes é socióloga, artista plástica e pesquisadora da Fundação José Augusto, e foi amiga e colega do poeta Luís Carlos Guimarães. Trabalha no Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine da FJA, onde desenvolve trabalhos na área de produção de obras de pesquisa histórica e bibliográfica.



Carta ao poeta que tinha o Potengi tatuado nos olhos

Ana Amélia Fernandes

Luís Carlos,

Estamos estarecidos. Que momento é este? Por que esta viagem agora? Por que não recebemos uma chance? O carrossel ficou fora do eixo? Por que seu cavalo resolveu ficar alado e desaparecer no espaço?

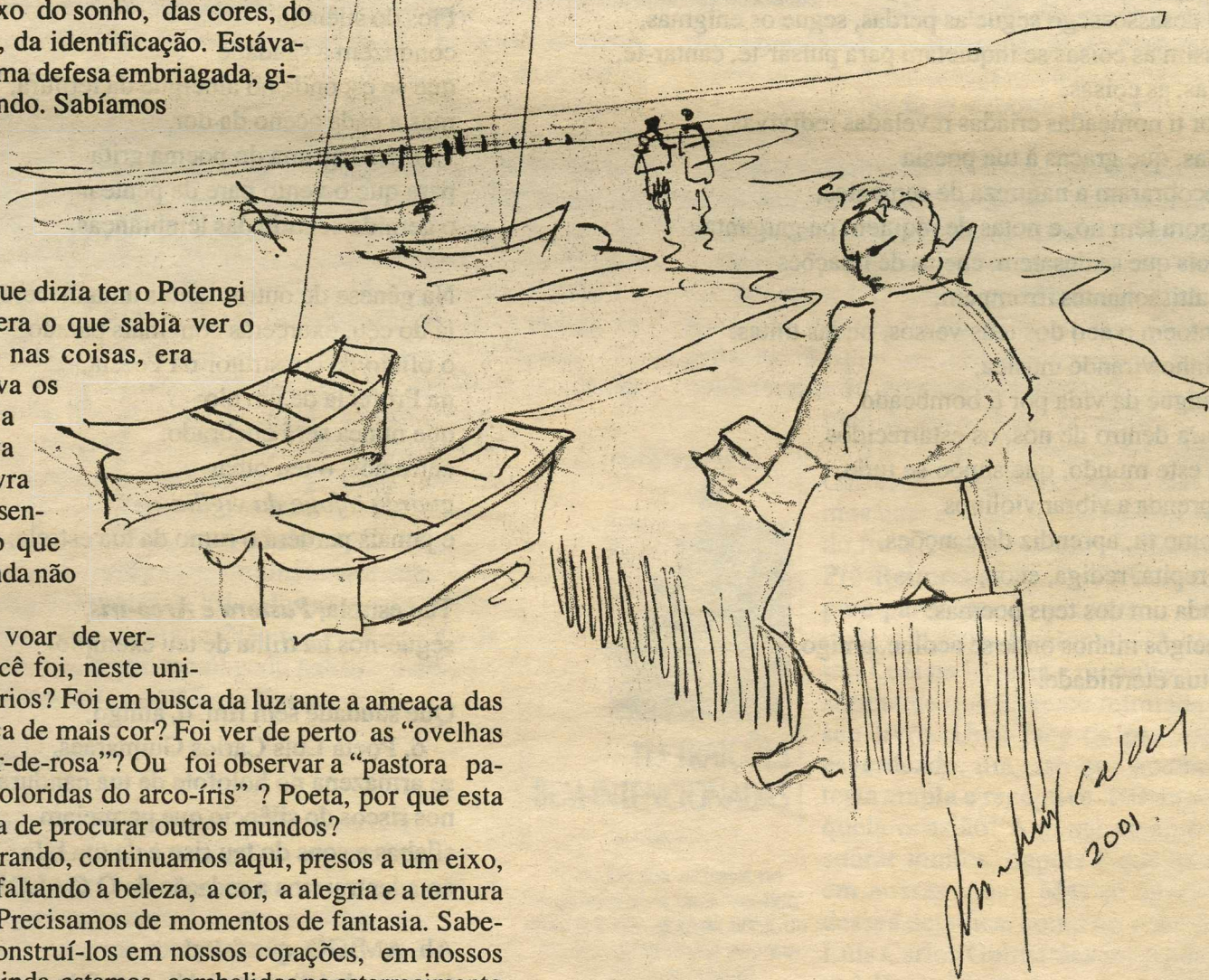
Estávamos todos unidos, girando em sobes e desces de fugas e criações. Estávamos todos unidos ao mesmo eixo do sonho, das cores, do êxtase, do devaneio, da identificação. Estávamos todos juntos numa defesa embriagada, girando, girando, girando. Sabíamos da crueldade, sabíamos da miséria, sabíamos dos desalentos e rodávamos, juntos...

E você, aquele que dizia ter o Potengi tatuado nos olhos, era o que sabia ver o belo nas pessoas e nas coisas, era aquele que respeitava os que amavam, era aquele que dominava com mestria a palavra para descrever o que sentíamos e também o que nossa imaginação ainda não atingia.

Por que resolveu voar de verdade? Para onde você foi, neste universo cheio de mistérios? Foi em busca da luz ante a ameaça das trevas? Foi em busca de mais cor? Foi ver de perto as "ovelhas comendo nuvens cor-de-rosa"? Ou foi observar a "pastora patinando nas faixas coloridas do arco-íris"? Poeta, por que esta pressa nesta ousadia de procurar outros mundos?

Estamos aqui, girando, continuamos aqui, presos a um eixo, girando... Mas, está faltando a beleza, a cor, a alegria e a ternura que você expandia. Precisamos de momentos de fantasia. Sabemos que iremos reconstruí-los em nossos corações, em nossos pensamentos, mas ainda estamos combalidos no estarecimento

da falta, da ausência contundente, forte. Desejamos muito que o vôo tenha sido fantástico, para uma dimensão na qual você possa satisfazer a sua sede de vinho, de cores e de emoções; que nela, o encantamento não seja perturbado pela ameaça de um final; que nela, você, tal qual o "barba ruiva" quando guardava o pote de ouro, além de se inundar de pingos de puro brilho, possa ainda, das esferas que não conhecemos, entorná-lo sobre nós, mortais, inebriando-nos também do belo, do suave e do fantástico. Mas, fique sabendo, poeta, que a enigmática e plurifacetada saudade, neste momento, personifica o "Tirano das Tâmaras" que veio nos violentar. Você fugiu dele, não foi?....





A poetisa **Carmen Vasconcelos** recebeu do poeta-crítico Luís Carlos Guimarães um incentivo decisivo para a publicação do seu livro de estreia, *Chuva ácida*, gesto que a poetisa retribui, comovida, no *Réquiem* abaixo. A poetisa goiana **Alice Spíndola** recorda trechos de poemas de LCG no *Réquiem* que dedicou ao poeta.

Réquiem

a Luís Carlos Guimarães

Carmen Vasconcelos

Há hoje um réquiem retido em todos os rumores.
Em todos os silêncios, contido.
Nós o sentimos, inapreensível ainda,
impulso verde na feição das coisas.
Como tempo condensando tempo,
como nascimento e profecia,
estremece em cada átomo
a urgência da música.
O desassossego segue as perdas, segue os enigmas,
assim as coisas se inquietam para pulsar-te, cantar-te,
elas, as coisas,
por ti nomeadas criadas reveladas redivivas,
elas, que graças à tua poesia
recobram a natureza de sementes,
agora têm nó, e notas de réquiem na garganta.
Pois que se desatem, cheias de libações
e altissonantes irrompam,
entoem o eco dos teus versos, ondas tintas:
vinho virando música,
sangue da vida por ti bombeado
para dentro de nós, os estarecidos.
E este mundo, que supõe-se tudo,
aprenda a vibrar violinos
como tu, aprendiz de canções,
e repita, rediga, ecoe,
cada um dos teus poemas:
meigos ninhos onde se acolhe, amigo,
a tua eternidade.

Réquiem

para um poeta

... Para não perder o rumo das estrelas ...
(...) guarda no olhar o fogo da vigília.
Luís Carlos Guimarães

Alice Spíndola

Amigo, Bardo do Barro Vermelho,
de repente, é outra a direção de tua luz.

Com tristes asas, a cidade do Natal
descobre a falta, sussurra e traduz,
e chora a ausência de mais um mito.

Não há como costurar as lágrimas!
Fios do silêncio
conduzem a saudade
que se esconde no albergue da ternura,
mas a cada aceno da dor,
até a lágrima do poema grita
para que o vento pare de pentear
o gemido sentido das lembranças.

Na gênese de outros tantos amanheceres,
lá do céu, exercerás com mais paixão
o ofício de construtor da Poesia,
na Profecia de um elo
que nunca será quebrado:
entre nós, o teu olhar
guarda o fogo da vigília
e jamais perderá o rumo da tua estrela.

Tua estrela, *Pastora e Arco-íris*,
segue-nos na trilha de teu exemplo.

Que saudade sem fim, ó, amigo,
ó, Poeta Luís Carlos Guimarães,
se armazena no holofote de tua candura,
nos riscos do silêncio que permeiam
sílabas e sons do teu riso e da tua fala
ao adentrarmos a redação de O GALO!

Ah, AMIGO, que falta!
Que saudade imensa! Ah, nem fale...

Ivo Barroso é um dos principais nomes da crítica literária e da tradução poética no Brasil. Amigo e admirador de Luís Carlos Guimarães, Barroso escreve sobre uma das facetas tardias do poeta potiguar: as traduções, que ele reuniu, em parte, no livro *113 traições bem-intencionadas*, lançado em 1999.



Luís Carlos tradutor

Ivo Barroso

Conheci Luís Carlos Guimarães graças à intermediação literária de um velho amigo, o Embaixador Fernando Abbott Galvão, que, depois de brilhante carreira diplomática, foi curtir o *otium cum dignitate* em sua Natal de origem. Luís Carlos, o Lula dos amigos, tinha sido seu aluno, e Galvão, sabendo de sua tradução de *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, fê-lo entrar em contato comigo que, à altura, havia publicado a primeira edição de um livrinho no qual comentava precisamente algumas dessas traduções.

Luís Carlos enviou-me, além dela, um volume que tinha o curioso título de “113 Traições Bem-Intencionadas”, pelo qual pude logo sentir o pulso do poeta-tradutor em suas transposições para o português de mais de uma centena de poetas latino-americanos, epilogados por cinco poemas de Rimbaud. Esses últimos, reconheci logo, eram os mesmos que um concurso de traduções de Rimbaud, organizado pelo Consulado da França no Rio de Janeiro, propusera aos tradutores brasileiros por ocasião das comemorações do centenário da morte do poeta (1991). Lendo as traduções de Luís Carlos dei-me logo conta de quão superiores eram em relação às da ganhadora do concurso, uma jovem sem nenhuma formação poética, que os traduziu em prosa (ruim) e que só obteve o prêmio graças aos encantos de sua juventude ou ao desconhecimento de causa dos julgadores do concurso.

A leitura das traduções a que Lula chamou ironicamente de “traições” revela a mestria do poeta já consagrado por suas produções próprias “A Lua no Espelho” e “Fruto Maduro”. Alguns poemas, pela sua fluência e expressividade, parecem ter sido escritos diretamente em português e, na verdade, quase o foram, pois Luís Carlos entrava no original e saía dele “vestido” com a indumentária lírica do mesmo sentimento expresso em sua língua. Não resisto à coação de transcrever um deles, escolhendo entre os mais curtos, do poeta uruguaio Mário Benedetti:

SÍNDROME

Ainda tenho quase todos os meus dentes
quase todos os meus cabelos e alguns brancos.
Posso fazer e desfazer o amor
subir uma escada de dois em dois degraus
e correr quarenta metros atrás de um ônibus
ou seja que eu não deveria sentir-me velho



A poesia de Arthur Rimbaud mereceu várias traduções de Luís Carlos Guimarães, iniciadas em *O fruto maduro*, e continuadas em *113 traições bem-intencionadas*.

mas o grave problema é que antes não me fixava nestes detalhes.

Enganam-se aqueles que pensam ser mais fácil traduzir do espanhol que de outras línguas, dada a proximidade vocabular e sintática que existe entre ambas. É preciso uma dosagem considerável de sensibilidade poética, a par do conhecimento do idioma, para fazer com que os versos escritos em espanhol soem com essa integral naturalidade em português.

A tradução que Luís Carlos Guimarães fez de “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, publicada neste jornal em novembro de 1998, é de uma expressividade notável. Trata-se de um poema necessariamente retórico, grandiloquente, e não se pode esquecer que o autor, em seus últimos anos, ganhava a vida declamando-o. Luís Carlos encon-

trou a tonalidade e o acento certos para reproduzir em português as ânsias desesperadas do poeta que sonha com sua Lenora morta e enfrenta as fatídicas respostas do corvo agourento e unívoco: *Nevermore*.

Fiquei visualizando os efeitos que ela causaria se dita com voz adequada num daqueles antigos saraus literários que nós, os idiotizados pela televisão, abolimos em nome da modernidade.

Digna de figurar entre as grandes traduções brasileiras do poema, como as de Machado de Assis, Gondim da Fonseca, Alexei Bueno e Jorge Wanderley, espero, numa próxima edição em que possa reunir todas as traduções conhecidas do poema, incluí-la com o destaque e os comentários que ela merece.

Não tive o prazer do convívio de Lula. Carteamos algumas vezes, mas só nos encontramos uma única, em outubro do ano passado, quando fui a Natal a convite da Editora Universitária e Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UFRN, para participar de palestra e mesa-redonda durante a II Feira Nacional do Livro do RN. Encontrei Luís na livraria e reconheci de imediato a face simpática que aparece retratada na contracapa de seu livro. Uma face de paz, olhos de um cinza esverdeado, um riso que apenas aflora a boca, a testa ampla e receptiva. Falamos-nos tão pouco naquela ocasião! A gente sempre acha que vai nos sobrar muitos depois e que há outros mais tarde em nossas vidas. Mas só agora nos damos conta desses detalhes, como no poema de Benedetti que Luís Carlos Guimarães incorporou definitivamente à língua portuguesa.



“Luís Carlos entrava no original e saía dele ‘vestido’ com a indumentária lírica do mesmo sentimento expresso em sua língua”



Gilberto Mendonça Teles, um dos críticos mais importantes da atualidade, decifra os desvãos e porões de *O fruto maduro*, de Luís Carlos Guimarães, e conclui que o livro afirma o amadurecimento do discurso poético de LCG, "poeta do Rio Grande do Norte, fruto da terra, autor que se integra na melhor poesia brasileira dos últimos tempos".

O fruto da terra

Gilberto Mendonça Teles

Tenho insistido em que a verdadeira história do modernismo brasileiro não é bem a que se tem divulgado nos livros escolares do ensino médio e até do universitário.

É que as idéias e concepções expostas e defendidas durante a Semana de Arte Moderna foram sofrendo transformações de ordem estética e temática, à medida que se ia passando a outras regiões, sob o impacto de um sentido regional, que se consolidava, e, ao mesmo tempo, lutava por uma nova expressão.

Esta relação entre o tradicional e o moderno constitui a suma ideal buscada por todo escritor, em todo os rincões. O impulso de modernização vindo de São Paulo e do Rio de Janeiro foi de início a diferença absorvida pelos novos. Absorvida e logo repelida pela presença da idéia de uma renovação própria, regional.

Foi assim em 1924, em Belo Horizonte; em Maceió, em Belém e, pelo Brasil afora, a chegada da idéia modernista encontrava logo um grupo de jovens que a "deglutia", que a modificava, que lhe dava feição de cultura local e já bem diferente da do Rio de Janeiro.

Tais observações querem sublinhar o fato de que uma visão da moderna poesia brasileira tem de superar a centralização do eixo Rio-São Paulo, a qual, infelizmente, por força dos meios de difusão, acabaram se impondo, inclusive no exterior. Digo superar, no sentido de se estudar os vários modernismos regionais, vendo-os não como subsidiários do movimento paulista, mas como integradores de um movimento maior, nacional, em que o escritor do Amazonas, do Ceará, do Rio Grande do Norte, de Goiás, enfim, de todo o Brasil seja lido e estudado no mesmo nível dos escritores que estão na mídia universitária.

Uma nova história da literatura brasileira não pode ignorar os escritores que viveram nas suas regiões e deixaram "ou estão dei-

xando" uma obra que se coloca no mesmo plano estético, na mesma dimensão de valor de obras badaladas por professores e eventuais críticos de jornal.

Com a poesia – o gênero preferido pelos mais novos – há realmente, além de nomes consagrados como Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto, uma abundância de bons, de excelentes poetas em cada região, como Alcides Werk, no Amazonas; Francisco Carvalho, no Ceará; Luís Carlos Guimarães e Zila Mamede, no Rio Grande do Norte; Sérgio Castro Pinto, na Paraíba; Lucila Nogueira, em Pernambuco; Marcos Farias Costa, em Alagoas; Brasigóis Felício, em Goiás e tantos e tantos outros já por mim mencionados em outro trabalho.

A obra de Luís Carlos Guimarães, por exemplo, além da experiência na narrativa e na tradução, está concentrada, em seis livros de poemas, editados entre 1961 e 1996. E é uma bela comprovação do que foi exposto de início. Apesar de conhecido entre os poetas, foi até agora quase desconhecidos dos historiadores da literatura.

Um livro como *O Fruto Maduro*, o último publicado pelo poeta, possui qualidades estilísticas que o situam no alto nível dos melhores poetas brasileiros. Não só a estrutura tripartida do livro, mas sobretudo os diálogos dos poemas com as literaturas norte-riograndense, brasileira e ocidental, fazem desse livro uma síntese do que realmente há de melhor e de mais autêntico na obra de um poeta.

O poema "Adivinha", de inspiração popular é talvez o mais extenso em toda a sua obra. Tem cerca de 270 versos, em dísticos, em forma de adivinhas ou, melhor de uma série de interrogações sobre um tema que se oculta no não-dito do discurso até que o leitor se dê

conta de que a resposta conduz à caracterização do próprio poeta:

Quem usa o bisturi da palavra [...]

Quem tem a boca escancarada [...]

Quem, sem alento, ao fim da coragem,
Perto do abismo, na última viagem.

E, a partir daí, as perguntas vão afirmando traços da biografia do poeta, nas suas viagens culturais pela América e pela Europa, como se estivesse despedindo do mundo e da vida. No final o poema revela metaforicamente a identidade procurada:

É o figurante meu sócia

Quem escreve na ardósia

Um enigma, uma adivinha,
Barro que logo esfarinha?

Ou a magia de uma cifra
Que por amor se decifra?

Na segunda parte do livro, "Alba dos Amantes", há uma seqüência de belos poemas em que alguns temas do Nordeste, como "Barcarola para um rio nordestino", aparecem ao lado de poemas sobre Van Gogh ["*Os irados/amarelos/de Van Gogh/ enlouquecem/ o sol*"]. São poemas que preludiam a terceira parte, "Vinte e Sete Traições Bem Intencionadas", assim como esta parte de poemas traduzidos estão antecipando o livro *118 Traições Bem Intencionadas*, onde o poeta exibe o seu talento de tradutor da poesia latino-americana.

Este domínio da organização do livro, a intensidade estética que soube pôr nos poemas atestam o amadurecimento do discurso poético de Luís Carlos Guimarães, poeta do Rio Grande do Norte, fruto da terra, autor que se integra na melhor poesia brasileira dos últimos tempos.



O poeta Luís Carlos Guimarães, além de possuir um extraordinário talento poético, era sabidamente um grande causeur, alguém que fez da conversação com os amigos uma arte não menos refinada do que aquela que materializou em sua obra. Assim, achamos oportuno reproduzir nesta edição comemorativo ao autor de *O aprendiz e a canção*, a



entrevista que concedeu à professora Ilana Ferreira Cavalcante, da Universidade Potiguar e publicada no vol. 1, n. 1, jan/jun de 2000, da revista *Expressões*, daquela instituição, sob o título de "Perfil humano e literário de Luís Carlos Guimarães". A entrevista, republicada com a autorização da autora, é certamente a mais longa que o poeta concedeu nos últimos anos, e sofreu pequenas alterações a fim de se ajustar ao padrão editorial de *O Galo*. O seu conteúdo, porém, está intacto.

Atenciosamente,
O Editor.

Luís Carlos Guimarães

O GALO/EXPRESSÕES - COMO APRESENTARIA sociológica e culturalmente seu núcleo familiar de origem e seu meio ambiente (onde e quando nasceu; a família, os pais, a infância, as primeiras experiências, os brinquedos etc.).

LUÍS CARLOS GUIMARÃES – NASCI EM CURRAIS NOVOS em 23/05/1934, na região do Seridó, aqui no Rio Grande do Norte, de uma família de classe média, com o sentido verdadeiro que a sociolo-

gia tinha naquele tempo sobre determinados núcleos da sociedade. Tanto meu pai como minha mãe são norte-rio-grandenses. Dois fatores influíram para que eu quase não desfrutasse o tempo feliz da infância. O primeiro é que já aos doze anos eu era um menino com a quase estatura que tenho hoje. Isso me inibia às brincadeiras comuns aos companheiros da minha idade. Outro: aos dez anos e meio fui fazer o Admissão no Ginásio Diocesano

Foto: Clóvis Trindade



Luís Carlos Guimarães, mestre de amizades, num raro encontro reunindo o escritor Nilson Patriota, o jornalista Ticiano Duarte e o mestre Odilon Ribeiro Coutinho, por quem o poeta tinha uma admiração sem reservas, tanto pelo intelectual como pelo amigo

Seridoense, em Caicó, em 1945. E fui ficando em regime de internato. De lá, vim para Natal. Enfim, todos os meus estudos foram feitos fora de casa, o que me afastou, de certa forma, até da minha família.

O GALO/EXPRESSÕES - LEMBRA DE ALGUM EPISÓDIO gostoso ou dramático desse primeiro período de sua vida?

L.C.G. - Em Santana do Matos, terra de meu pai, para onde íamos às vezes para rever parentes, num casamento de uma prima, num povoado, São José da Passagem, quando regressávamos para a casa da fazenda onde nos hospedávamos, caminhando com um grupo de primos, desviei-me por uma vereda e de repente fiquei sozinho, numa região estranha, de uma solidão espantosa, perdido por algumas horas, cercado de serrotes e lajedos, até que encontrei uma casa onde me informaram que bastava descer por um rio, descendo pelo seu leito arenoso encontraria a casa da fazenda. Depois de uma boa caminhada encontrei toda a parentada que já estava à minha procura, receosos de que tivesse ocorrido alguma coisa.

O GALO/EXPRESSÕES - QUAIS AS RELAÇÕES COM SEUS PAIS? Qual o tipo de educação recebida?

L. C. G. - TIVE COM MEUS pais uma relação do tipo normal para as famílias daquele tempo. A educação seguia o mesmo rumo. Meu pai era escritor e, embora tivesse apenas a instrução primária, foi um dos homens mais sensíveis e inteligentes que conheci. Minha mãe era uma pessoa bem simples, com o coração e a bondade maiores que o mundo. Tudo isso só fez me ajudar, embora eu tenha saído bem cedo de casa para estudar, e só nas férias voltava ao convívio familiar e dos amigos.

O GALO/EXPRESSÕES - QUAL A "BIBLIOTECA", as leituras de seus "verdes anos"?

L. C. G. - MEU PAI gostava muito de ler romances. Assim, minhas primeiras fontes de leitura começaram em casa. Mas devo ressaltar quanto devo a Ausônio Araújo, Tesoureiro da Prefeitura, que comprava livros através do Reembolso Postal e tinha uma verdadeira biblioteca na sua casa. Todas as áreas da literatura enchiam as prateleiras de suas estantes. Amigo de seus filhos, Ausônio Araújo e Ausônio Araújo Tertius, ambos padres, tive acesso à leitura de seus livros. Foi lá que li pela primeira vez o poeta Carlos Drummond de Andrade. Gostando pelo que havia de insólito e diferente, mas sem entender quase nada.

O GALO/EXPRESSÕES - REPASSANDO NA MEMÓRIA esse período de formação, encontra a figura de um "mestre" de vida que o marcou?



O escritor Deífilo Gurgel é cumprimentado pelo poeta Luís Carlos Guimarães durante o lançamento de um livro do folclorista

L. C. G. - TALVEZ, DE uma certa forma, eu deva o gosto pelos livros, em primeiro lugar, a meus pais. Depois, de uma forma mais ampla, avassaladora até, ao velho e inesquecível Ausônio Araújo.

O GALO/EXPRESSÕES - COMO, QUANDO E POR QUE começou a escrever? Como nasceu a "vocaçã" de escritor?

L. C. G. - É MUITO DIFÍCIL dizer quando exatamente comecei a escrever. Já em Currais Novos, em Caicó, eu sentia que alguma coisa se manifestava no meu íntimo, exigindo que fosse mostrado no papel. Nas horas de estudo no Ginásio Diocesano, em Caicó, enchi, numa caligrafia quase indecifrável, um caderno, no que cheguei a pensar que fosse uma história, mais do que um conto, porque naquele tempo me pareceu interminável. O manuscrito perdeu-se e não lembro hoje de nada que foi escrito. Em Natal, aluno do Ginásio 7 de Setembro, no seu jornalzinho mensal, publiquei meu primeiro poema. Hoje o que me parece espanto-

samente abominável naquela época era maravilhosamente incrível. Eu me sentia um poeta, e veja só: um poeta publicado.

O GALO/EXPRESSÕES - COMO VOCÊ VÊ SEU PRIMEIRO livro: um sucesso, um insucesso, um marco determinante em sua vida?

L. C. G. - MEU PRIMEIRO livro foi um sucesso tão-somente por ter sido publicado na Coleção Jorge Fernandes, nos anos 60, quando o Governo do Estado, como um verdadeiro mecenas, lançou de uma só vez Sanderson Negreiros, Celso/Myriam Coeli, Deífilo Gurgel, Dorian Gray, dos que me lembro. O livro de 30 poemas, de tão ruins, aproveitei apenas dez, quando publiquei O sal da palavra, reunião dos livros já editados. A única coisa desse primeiro livro foi apenas a modéstia do título: O aprendiz e a canção, e a coragem de tê-lo publicado e ter reconhecido depois as suas imperfeições como livro de estréia.

O GALO/EXPRESSÕES - HOUVE EM SUA VIDA uma encruzilhada, um acontecimento que o marcou definitivamente (em nível social, sentimental, histórico, político etc.?).

L. C. G. - A VIDA POR si só é uma permanente encruzilhada; precisar exatamente um ou mais acontecimentos que marcaram a nossa trajetória existencial, em qualquer nível, é trabalho para um romance, uma tese, sei lá. Se em estar vivo e ter ainda esperança com esse Brasil melancólico, estapafúrdio e surrealista é uma tarefa árdua demais.

O GALO/EXPRESSÕES - HOJE UM ESCRITOR PODE viver só do trabalho da escrita? Precisa de outra profissão? Assim sendo, como conciliar as duas carreiras?

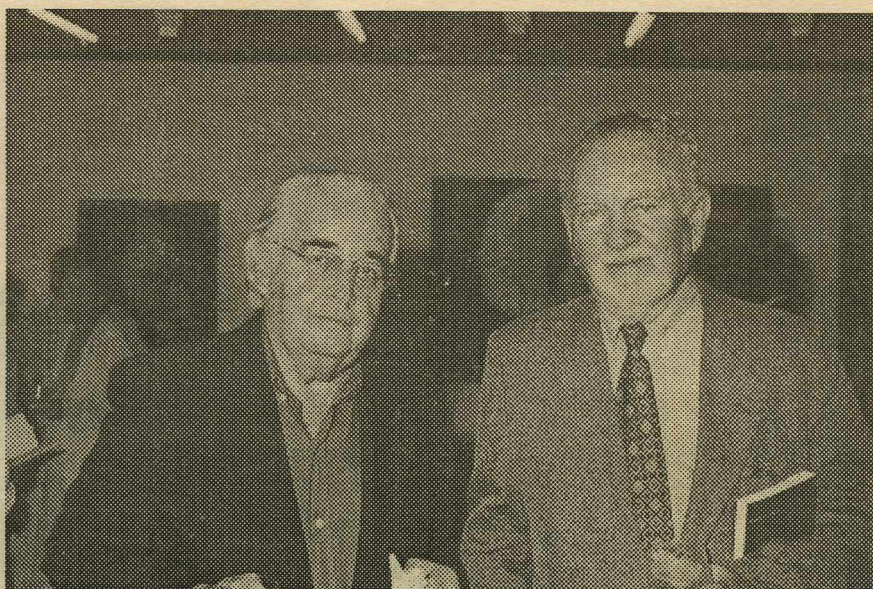
L. C. G. – NÃO SOU UM escritor na real acepção da palavra. Quando muito, um poeta, um aprendiz da canção, modesta e humildemente. Viver do trabalho de escritor é quase impossível no Brasil, além de Jorge Amado, qual seria o outro? A não ser que compreendamos como escritor os fazedores, os manipuladores de novelas para a televisão. Quanto à poesia, nem se fala. O poeta, em termos de rendimento com a sua produção poética, é um lumpen, um bóia-fria. Um permanente desempregado. Sempre precisamos de outra profissão. Eu, por exemplo, que hoje estou aposentado, fui juiz de Direito, professor universitário e advogado, sem nenhuma vocação.

O GALO/EXPRESSÕES – VOCÊ IDENTIFICA FASES NO SEU PROCESSO criativo? Você poderia explicar como surgiu determinado livro ou poema seu?

L. C. G. – QUANDO COMETI meu primeiro poema, até que acreditava no que se convencionou chamar de inspiração. Hoje, esse sopro de outras esferas não existe mais. Poesia, como qualquer forma de manifestação artística, exige 10% de inspiração e 90% de transpiração, como disse, quem? Vá desculpendo, que agora não lembro não. Trabalho no sentido de elaboração. E mais trabalho no sentido de reelaboração, aperfeiçoamento, aprimoramento, com uma dose certa de constância, paciência e obstinação. Meu ramo é a poesia. Um poema, atualmente, é produto de um tema, uma idéia, uma sugestão de um quadro, um acontecimento, um filme, uma leitura. E depois se segue o que foi dito acima: trabalho e trabalho. Sou safenado e, por conta disso, sou um caminhante diário e solitário pelo fim da madrugada. Nessas caminhadas têm surgido idéias para poemas, até poemas inteiros que memorizo e depois passo para o papel. Na prosa tenho uma novela: O pequeno relógio da coragem, que ganhou um prêmio local há 15 anos. Uns 20% dela são razoáveis, o restante é merda pura. Gostaria de reescrevê-la. Mas está extraviada.

O GALO/EXPRESSÕES – QUAL É A SUA RELAÇÃO com a escrita, com a palavra, com o estilo?

L. C. G. – SOU UM DESlumbrado com a palavra. uma palavra entrevista numa leitura me deixa siderado, me provoca, me instiga a aproveitá-la. Daí os desdobramentos nem sempre previsíveis. O estilo, quando o



O artista plástico Dorian Gray Caldas e o poeta Luís Carlos Guimarães viveram uma amizade nascida na infância que a arte, a poesia e a vida acadêmica foram consolidando com o passar dos anos

tenemos, é resultado desse cio com a palavra, dessa relação entre o criador e a criatura, entre o amante e a amada. Relação neurótica, uma incontrolável paranóia.

O GALO/EXPRESSÕES – POR QUE VOCÊ ESCREVE?

L. C. G. – POR QUE ESCREVO? O que venho dizendo explica porque escrevo.

O GALO/EXPRESSÕES – EM SUA OBRA PREVALECE a continuidade ou a interrupção? Há crises? Como você as identifica?

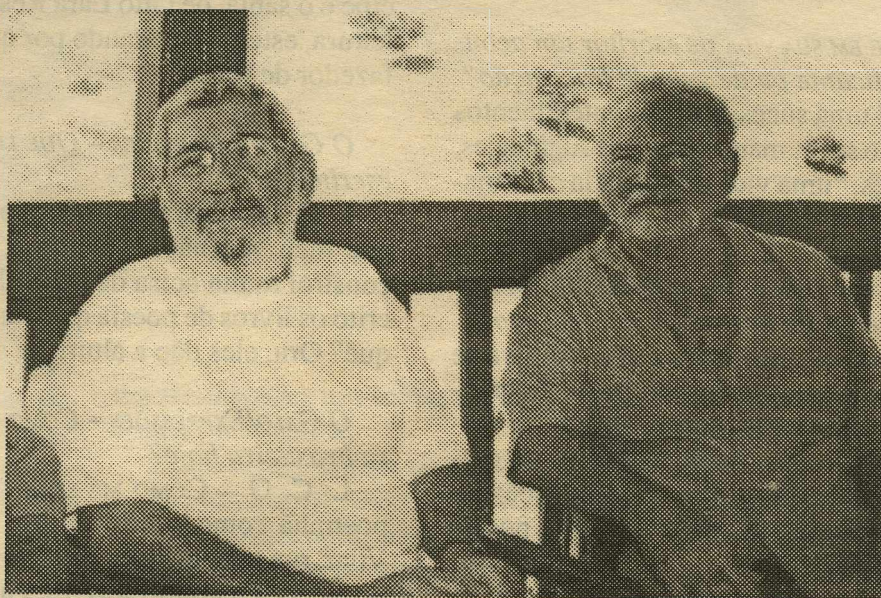
L. C. G. – O ATO DE ESCREVER é tão complexo que descarta um estágio continuado de serenidade. Tanto se pode escrever na tranquilidade, como na agitação. Em ambas as situações quero me referir a situações íntimas, psicológicas. Uma coisa ou outra, vista exteriormente, pode ser causa de interrupção concreta ou material do ato físico de escrever, a exteriorização mental de uma forma física. A verdade, tratando o assunto da maneira mais simplista possível, é que o trabalho pode sofrer interrupção quando precisamos nos desviar dele por uma necessidade de manutenção e sobrevivência, trabalho diário, ganho para sustento etc. Ou então, por um bloqueio mental naquilo que está apenas começando ou em curso. Crises existem como uma condição inerente e inarredável do próprio ato de viver. Às vezes, colocá-las no papel é a forma correta e saudável de eliminá-las. Vamos ficar por aqui, que o assunto é complicado.

O Galo/Expressões – Há momentos felizes ou ideais para escrever?

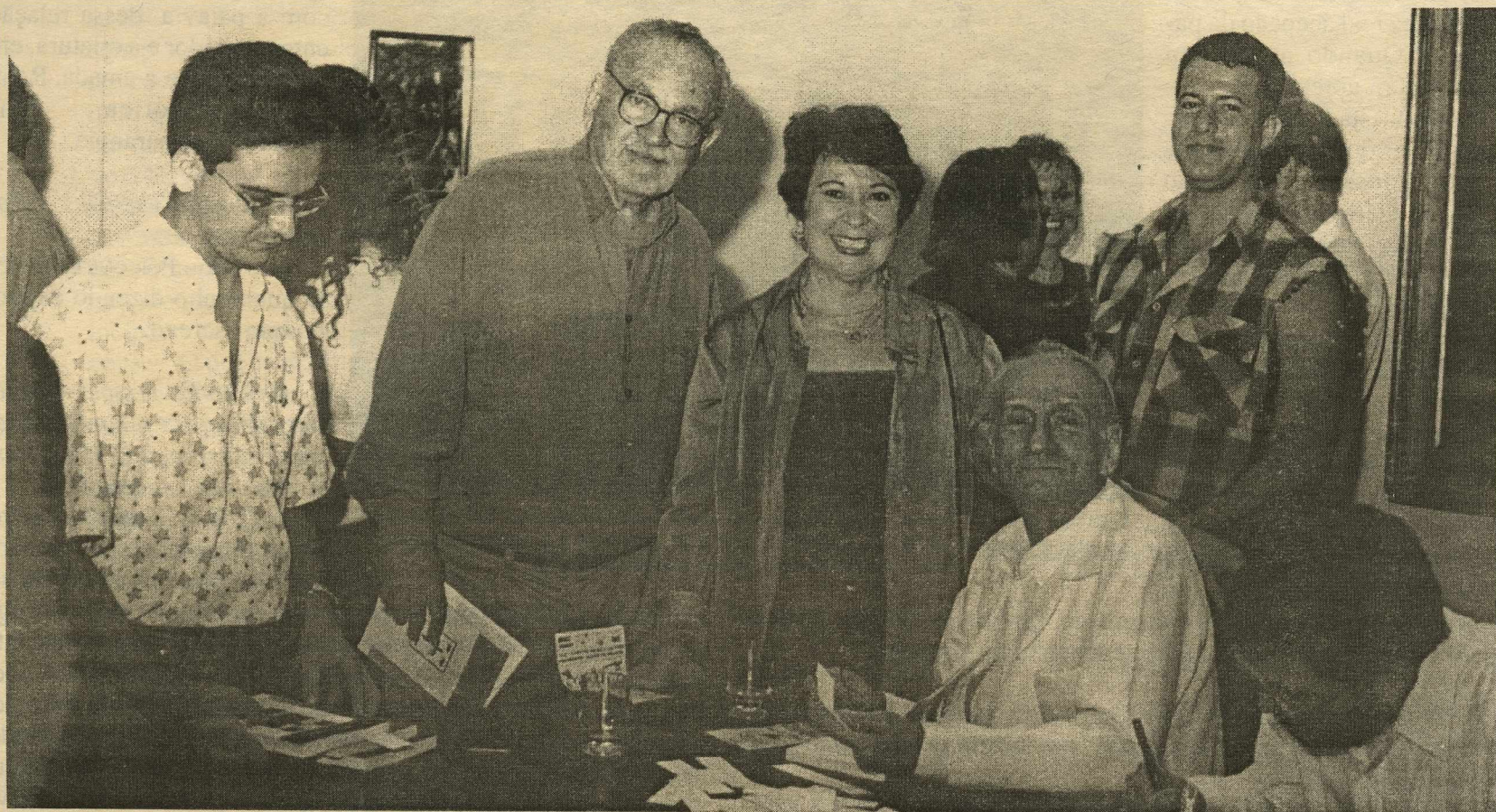
L. C. G. – SINCERAMENTE, não sei responder à pergunta. Haverá concretamente um momento ideal ou de felicidade para se escrever ou para a realização de qualquer obra, um quadro, uma sinfonia? Essas manifestações são individuais. A pergunta poderia abarcar um filme, que é uma obra arte coletiva, uma pretensão ou intenção de arte de muitos? Talvez sim, talvez não.

Galo/Expressões – Quando você escreve é a vontade que puxa a escrita ou é a compulsão, o prazer da inteligência e da fantasia?

L. C. G. – Se eu disser que vou escrever e tentar, simplesmente pelo ato mecânico de querer escrever, escreverei por acaso alguma coisa com seguimento, coerência e sentido. A compulsão de escrever, quando a gente se sente possuído por tal, não é uma neurose, vista aqui não como ato doentio,



O jornalista Woden Madruga, presidente da Fundação José Augusto, e o poeta Luís Carlos Guimarães, vistos aqui na varanda da casa do escritor Francisco Dantas, no interior de Sergipe.



Luís Carlos Guimarães e Lêda posam ao lado do escritor Ariano Suassuna, durante um evento literário promovido pela Fundação José Augusto e que trouxe a Natal o criador do Movimento Armorial

mas como um estimulador de nossa atividade mental de inteligência, que nos dá prazer e lenifica e gratifica? É como se tirássemos de algum poço escuro o sonho para mostrá-lo numa exposição à vista de todos. Numa carta que recebi recentemente do poeta cearense Francisco Carvalho, dos grandes poetas do Brasil, ele diz sabiamente que "quem escreve poesia lida com a frágil matéria do sonho e da fantasia". Quem procura a beleza, seja de que forma for, está trabalhando com o sonho e a fantasia. Em qualquer hipótese, sem a vontade, o que existiria? Sem a vontade que impulsiona o ato criador, eu não estaria, agora, batucando essa velha e desbaratada Olivetti, tentando responder às perguntas desse questionário.

O GALO/EXPRESSÕES – HOUVE EM SUA VIDA DE escritor um acontecimento extremamente gratificante ou de grande frustração?

L. C. G. – A VIDA SEMPRE foi uma sucessão de acontecimentos gratificantes e frustrações. Como ser humano, não pude fugir deles, mas como foram insignificantes, "uma vida de apagada e vil tristeza", prefiro o silêncio.

O GALO/EXPRESSÕES – ONDE VOCÊ ENCONTRA estímulos e pretextos para escrever? Poderia exemplificar com os seus escritos?

L. C. G. – O ESTAR VIVO deve ser o primeiro estímulo para se escrever. Antigamente, os poetas mencionavam os chamados grandes temas: o amor, a solidão, o desespero, enfim, temas que deixavam de lado situações sociais como a fome, a miséria, os dramas coletivos, ao contrário daqueles primeiros de conotações íntimas, individuais. Talvez uma leitura de meus livros de poesia desse um sentido mais preciso à pergunta.

O GALO/EXPRESSÕES – QUAL O PAPEL QUE o imprevisto emocional, político, social etc., desempenha em seu trabalho criador?

L. C. G. – O IMPREVISTO no ato da escrita tem o papel de tornar

previsível pela interpretação da realidade, de possível, de coerente que se estraficou com sua apreensão em texto legível. Estou sendo confuso, reconheço...

O GALO/EXPRESSÕES – EXISTE ANALOGAMENTE ao "prazer do texto" um "prazer de escrever"? Poderia descrevê-lo?

L. C. G. – O PRAZER DO texto para quem o escreve, acredito, funciona como libertação de algo que estava enclausurado e liberado vive uma segunda etapa, o do prazer da leitura, porque teve o prazer de escrever o texto. Evidentemente, isso atual de forma mais concreta no aspecto da fruição por quem tem o prazer de ler um texto alheio. Exemplificando: estou lendo O príncipe e o sabiá, de Otto Lara Resende, e só agora, pelo prazer da leitura, estou constatando por que o consideram um prodigioso fazedor de frases.

O GALO/EXPRESSÕES – QUE LIVRO ALHEIO VOCÊ gostaria de ter escrito?

L. C. G. – GOSTARIA, ficando aqui no âmbito da província, já que meu vôo não é federal e, acima de tudo porque aqui se constrói muita coisa da mais alta qualidade, gostaria de ter escrito os livros de poesia que Sanderson Negreiros escreveu. Por quê? Ora, eles dão a altura de sua poesia.

O GALO/EXPRESSÕES – COMO VOCÊ SE SENTE dentro da literatura brasileira hoje?

L. C. G. – COMO ME SINTO? A pergunta não contempla um poetinha como eu. Se muito, habitante que sou da Heráclito Vilar, rua que tem uns 100 metros de comprimento, gostaria de ser apenas reconhecido o segundo poeta dessa rua, ao lado do primeiro, que é o trovador Revoredo Neto.

Texto publicado originalmente na revista Expressões, v.1, n. 1 jan-jun 2000 – Natal, RN, da Universidade Potiguar.

Sanderson Negreiros saúda o ingresso do amigo Luís Carlos Guimarães na Academia Norte-rio-grandense de Letras, pretexto que desencadeia lembranças, venturosas e aventureiras de uma amizade que teve seu ponto de intercessão no poeta Dorian Gray Caldas. “Éramos os três, amigos moicanos. Dorian, ele e eu”, declara Sanderson.



SAUDAÇÃO AO POETA

Luís Carlos Guimarães

Sanderson Negreiros

Santayana, certa vez, ao assumir sua cátedra de filosofia, exclamou para os alunos: “Hoje, não tem aula. A Primavera chegou”.

Ora, direis, ver e ouvir primaveras em plenos trópicos tristes. De certo perdestes o senso, na avaliação bilaquiana. Mas a verdade é que aportou, nesta noite, nesta Casa, um grande poeta e um personagem denso e rico de aventura humana.

O poeta Luís Carlos Guimarães ocupa a cadeira de Newton Navarro e Jorge Fernandes, segundo os trâmites chamados legais. Mas, sobretudo, obriga-nos a lembrar da definição de Augusto de Campos sobre outro poeta americano, Wallace Stevens: “Ele é um inclassificável construtor de sonhos reais”.

Desvestido das vestes talares que a regra acadêmica preceitua, recordo o jovem estudante de Direito na cidade de João Pessoa, apresentado a mim por Dorian Gray Caldas, já o acompanhava a maneira de ser quase única: uma certa bondade instintiva para ser aberto à empatia diante da vida. Éramos os três, amigos moicanos. Dorian, ele e eu. Ainda há pouco, Dorian encontrou uma fotografia do começo dos anos 50 – em disponibilidade total, passeando pela praça Pedro Velho, estávamos a



Vergando o fardão acadêmico, Luís Carlos Guimarães discursa ao tomar posse na cadeira que pertenceu a Jorge Fernandes e a Newton Navarro

descobrir na literatura um caminho de alumbramento e realização interior. Éramos livres e não sabíamos.

De repente, Dorian encontra o que talvez tenha sido o primeiro poema de Luís Carlos, que ele escondeu durante anos inteiros. E dizia:

“Aqui jaz um menino azul/
tragicamente desaparecido num
desastre de velocípede”.

Para mim, foi uma revelação. Era possível tratar a poesia com fatos, acontecimentos e palavras do cotidiano. Antes, ainda sem saber como se vive fora das centenas de paredes de um seminário, eu encontrara Dorian Gray numa livraria, no centro de Natal, que se chamava “Boi Tatá”. Olhei para Dorian e, à queima-roupa, sem saber quem era ele, perguntei: “Você acredita em Deus?”.

E, pela vez inicial, eu via diante de mim, um livro de poesia moderna: “O Narciso Cego”, de Thiago de Mello. No seminário não havia bibliotecas. A conversa deve ter trazido susto positivo a Dorian, que logo me levou a conhecer Newton Navarro, hospedado na casa de Moacir de Góes, na avenida Rio Branco. Eram cinco horas da tarde – e Newton estava se levantando de uma noite mal dormida.

E meus treze anos se modificaram. De poesia, só conhecia o “Navio Negreiros”, de Castro Alves. Dorian, Newton, Zila e Luís começaram a me ensinar Poesia.

Agora, lendo e relendo os poemas de Luís Carlos, sinto o quanto de vida passada, como arcabouço perfeito, tem não só de sua infância vivida nos altiplanos de Currais Novos, provendo com olhar profuso as serras azuis da Borborema, como, igualmente, sua poesia é doação de amizade, de ternura fraterna, em torno de amigos, parentes e instantes que o empolgaram. Na sua humanidade mais radical. Seu lirismo, que se contém nos limites perseverantes de amplo conhecimento do fazer poético: ele não só traduz, mas é capaz de retirar poesia de qualquer prosa ou pedra. Foi ele quem salvou do esquecimento os poemas de José Bezerra Gomes, organizou a antologia dessa figura estranha, de dons às vezes geniais, que só o Rio Grande do Norte tem, exemplar na sua figuração única com outro poeta revelador: João Lins Caldas, também salvo do naufrágio do tempo por Celso da Silveira.

Hoje, experiente domador da surpresa da vida, com o coração que já recebeu safenas – que, nele, se tornaram em verbenas – na sua humilde caminhada despretensiosa pelas ruas e solidões da sobrevivência, é o emissário de um rei desconhecido, como lembrava Fernando Pessoa; e tem saudades de uma paisagem que não há, segundo ainda a versão do poeta português. Mas essa paisagem está dentro dele, e começou com a visão mais bela de sua infância currais-novense, ao lado de Neto Guimarães, o pai guerreiro e libertário; e dona Titila, que era só suavidade, silêncio e doçura. E cresceu com Leda nos passeios de mãos dadas na Lagoa de João Pessoa. Bezerra Gomes me dizia que o maior símbolo do Seridó era um pé de algodão e um galo-de-campina pousando em cima do capucho branco. Quem já viu isto, terá de ser poeta, para revelar o inexprimível, contemplar o que está por trás da beleza exposta e memorizar os dons e sons que o vento canta, assobiando em atropelo, quando sobe a serra do doutor, para chegar ao Seridó.

Poeta Luís Carlos Guimarães: você sucede a Newton Navarro, a quem tanto devemos, nós todos que formávamos uma geração: Zila Mamede, Celos da Silveira, Myriam Coeli, Woden Madruga, Diógenes da Cunha Lima, Berilo Wanderley, Ney Leandro de Castro, o que lhe devíamos? Simplesmente, pelos momentos, às vezes raros, em que falava de suas experiências de leitura, de pintura, de artistas que conhecera e dialogara, transitando em julgado nossa falta de vivência literária numa Natal sonolenta,



Ao centro, Sanderson Negreiros, no viço da primeira adolescência, é sagrado poeta pelos seus "súditos" Luís Carlos Guimarães (à direita) e Dorian Gray Caldas, numa tarde feliz da Natal do início dos anos 50, na praça Pedro Velho.

de de conhecê-los em um monastério. Por eles, o maior deles, pelo menos em nosso século, que foi Thomas Merton, escreveu em seu diário: "Vivo sob o signo de Jonas. Viajo para meu destino no ventre de um paradoxo". Não é paradoxo, é Deus, ó Thomas Merton!

Nesta noite, no hiper-espço, comprovado pela física quântica, aqui se ocupa com personagens, para todos nós inesquecíveis; Jorge Fernandes, Antônio Pinto de Medeiros, Zila Mamede, Berilo Wanderley, Veríssimo de Melo (ali, de pé no estrado e na estrada) Luís Rabelo, Walflan de Queiroz, Myriam Coeli, Américo de Oliveira Costa, o mestre querido, e tantos e quantos já se foram para a Outra Margem. Quando de repente, entra Cascudo, cabeleira leonina, olhos trespassados de azul, caminhando como verdadeiro protonatário apostólico, de casemira inglesa e colete branco. Como o vi numa tarde sedenta da Ribeira, e passando diante desta mesa, exclama: "Digo que todos os poetas estão abençoados". Que quer você mais do que isso, querido irmão? Só se for Berilo Wanderley solfejando para nós, como faz tantas vezes, o "Carinhoso", de Pixinguinha.

P.S. Discurso de saudação proferido na posse de L.C.G. na Academia Norte-rio-grandense de Letras.

que nos sonegava, muitas vezes, os grande autores. Nisso, lembro uma vez, Navarro falando para Paulo de Tarso Correia de Melo, este ainda um menino e seu vizinho, sobre William Faulkner. Pouco tempo depois, Paulo lia Faulkner no original.

Nossa amizade, tão antiga, e tão acrescentada, de Diógenes da Cunha Lima, que nasceu com a ciência infusa, e para quem, muitas vezes, e tantas, empurrávamos de graça um carro seu, Ford e antiquíssimo e preto, nas ladeiras da rua José de Alencar. Parece que estou a ouvir Navarro, afirmando para mim, acerca de Ney Leandro: "Este será um grande poeta". Ney era um adolescente de 15 anos; e estávamos em um jantar no restaurante que ficava nos altos do Natal Clube. E de onde se via a cidade, das Quintas profundas às Rocas melancólicas.

Tanta vida, meu Poeta, e ainda tanta esperança! Voltaica visão do passado, hoje você ministro da simplicidade sensível de viver e contemplar – contemplari aliis tradere – como está no dístico dos monges trapistas, que você, de vez em quando, telefona-me com vontade

O poeta **Diógenes da Cunha Lima** expõe no texto abaixo uma breve análise dos epitáfios literários que Luís Carlos Guimarães deixou ao longo de sua obra, com marcante regularidade, "a exemplo de Camões, Bocage, Pessoa e Castro Alves". E conclui: Os seus epitáfios traduzem a consciência do tempo fugaz, canto e desencanto, renúncias, desesperança".



Os epitáfios

Luís Carlos Guimarães

Diógenes da Cunha Lima

Currais Novos deu poetas ao nosso País. Luís Carlos Guimarães é um poeta do Brasil. De Currais Novos, que abrigou Zila Mamede. Da cidade que teve a síntese de José Bezerra Gomes e a poesia ingênua de Mariano Coelho.

Um irmão precisa ser muito bom para ser igual a Luís Carlos. Deixou a poesia inacabada, a ternura adiada, o olhar azul perdido, o sabor da vida, as horas saídas dos relógios, os amigos com acrescida solidão.

Saboreou o vinho da segunda-feira, vinho de uva molhada por águas de São Francisco, vinho da amizade rica e enriquecedora, bebemos todas as lembranças líricas, com Nei Leandro de Castro. Gilberto de Mello Kujawsky já nos havia ensinado que "vinho é poesia líquida".

Relembramos o Soneto, em tom de elegia, para Moema: "A luz fugitiva do teu olhar que arde / com o brilho da estrela no fim da tarde".

Fugiram o poeta e o seu olhar na tarde, ficou a sua poesia densa, terna e sempiterna. Poesia do cotidiano, do mágico, do extraordinário que o poeta viu nas coisas mais comuns. Uma vez ele descobriu um poema, Canção Urbana, em um funcionário público, o homem do paletó cor de goiaba que entornava seu chopp silenciosamente. O homem tinha acesso semanais de asma brônquica e uma sogra que encarnava o dragão vomitador de fogo. Lembra que o homem parece um boi, o boi que vão levando ao matadouro.

Luís Carlos Guimarães nos deixou oito livros impressos, além de contos e poemas não publicados: *O Aprendiz e a Canção* (1961); *As Cores do Dia* (1965); *Ponto de*

Fuga (1979); *O Sal da Palavra* (1983); *Pauta de Passarinho* (1992); *A Lua no Espelho* (1993); *O Fruto Maduro* (1996). E finalmente *113 Traições Bem-intencionadas* (1997).

O Poeta não tinha o direito de morrer, não desejava morrer, não carecia morrer, mas sentia, ou melhor, pressentia que o seu coração era sensível demais para este mundo. Fez como os grandes poetas. Camões, Bocage, Fernando Pessoa, Castro Alves deixaram os próprios epitáfios. Não como um breve elogio ao que passaram na vida, não um auto-elógio, sintético e lapidar. Sim, como mostra e mestra da vida.

Já havia escrito uma Ode Mínima ao Enfarte do Miocárdio:

"O enfarte não tem sutilezas.

Não manda flores.

Nem um telegrama misterioso:

Chegarei crepuscular..."

O Poeta adivinhou que no fim da tarde viria o enfarte sem aviso nem flores. Já havia escrito:

*"O que sou neste fim de tarde?
Essa dor que arde no peito."*

Luís Carlos escreveu vários epitáfios:

*"Fui esta vontade
Doida e dóida de viver,
Que viveu todos os minutos
Como se fosse sempre."*

Ou antes:

*"Aqui jaz um menino azul
Tragicamente desaparecido
Em um desastre de velocípede".*

O seu riso de menino no espelho não atravessou a ponte de safena.

A poética de Luís Carlos Guimarães é, a um tempo, culta e popular. Tem ritmo para acentuar a originalidade e a invenção. Nele o poema flui por metáforas e alegorias. Os seus epitáfios traduzem a consciência do tempo fugaz, canto e desencanto, renúncias, desesperança. Todavia Lula nunca iria repetir Mauro Mota: *"Os endereços e epitáfios rastejam / na semântica dos limos"*.

Luís Carlos sempre se ultrapassava no amadurecimento da sua poesia e das traduções criadoras de poesia. Era o artesão da palavra em plena evolução poética, mais e mais condensada doçura.

Teve o caminho limpo, absolutamente superior às basbaquices da província. Defendia-se do cotidiano vulgar, descobrindo o extraordinário nas cores do dia. Sugeriu temas estranhos à pintura de Dorian Gray. Chegou a pedir que Assis Marinho pintasse um trem entrando no mar. Construiu parábolas surrealistas. Fazia associações visuais e auditivas. Em vinho retirou-se, abandonando-se à eternidade.

Sentindo a perda, quero falar com Luís Carlos Guimarães. Mas ele é uma árvore. Calado e vivo como uma árvore. Porque como R. M. Rilke: amadurecido em dor, foi longe. Para além da vida.

Aqui, ele continua luminoso como uma estrela. Imagino que o meu amigo navega em um rio sem margens e sem lodos, maestro de uma banda musical de anjos-da-guarda, cada vez mais íntimo da poesia, divisando os seus olhos azuis estranhos portos em virgem geografia. Imagino que Luís Carlos quer voltar para Leda, para os filhos, para a cidade amada, para os amigos. Não volta. Os eternos pedem que ele não volte, que lá permaneça, para a alegria de todos. Até de Deus.



Sérgio de Castro Pinto, poeta, jornalista e professor de Literatura da Universidade Federal da Paraíba, foi uma das grandes amizades paraibanas de Luís Carlos Guimarães. No texto abaixo, Castro Pinto lembra alguns dos caminhos por que passou essa amizade com o poeta potiguar, cuja vida foi inteiramente dedicada "às amizades e à poesia".

A ausência do poeta

(À Lêda - mulher de Luís Carlos Guimarães -, Ricardo e demais filhos do casal. E ainda aos seus amigos Nelson Patriota, Dorian Grey Caldas, Woden Madruga, Diógenes Cunha Lima, Belchior, Marise Castro e tantos e tantos outros que amargam a ausência do poeta).

Sérgio de Castro Pinto

Por mais que dê tratos à bola, eu não consigo lembrar exatamente quando, onde e como conheci o poeta Luís Carlos Guimarães. Eu só sei que parecia conhecê-lo desde tempos imemoriais. Tanto que, entre nós, criou-se uma atmosfera de conagração e de cumplicidade muito além das preocupações de ordem puramente intelectual. Aliás, sempre foi do nosso feitio evitar elucubrações ontológicas ou metafísicas, sobretudo em mesas de bar.

Daí, nessas ocasiões, dificilmente conversarmos a respeito de literatura ou temas afins. Preferíamos "jogar conversa fora". Portanto, nada de frases de efeito, de torneios retóricos ou estilísticos, pois a literatura & as artes já nos exigiam, durante toda a semana, dedicação exclusiva e tempo integral.

Nos bares da vida, portanto, cumpriamos respirar outros ares que não os do universo livresco do dia-a-dia. À vida, pois. E ávidos saboreávamos a vida em cujos braços ele se entregou tão sofregamente que talvez tenha vivido cem anos nos sessenta e seis com os quais tombou vítima de um enfarte fulminante. O mesmo que já havia preconizado num texto antológico, espécie de poema de uma morte anunciada no longínquo mês de fevereiro do ano de 1982: "O enfarte não tem sutilezas./ Não manda flores./ Nem um telegrama



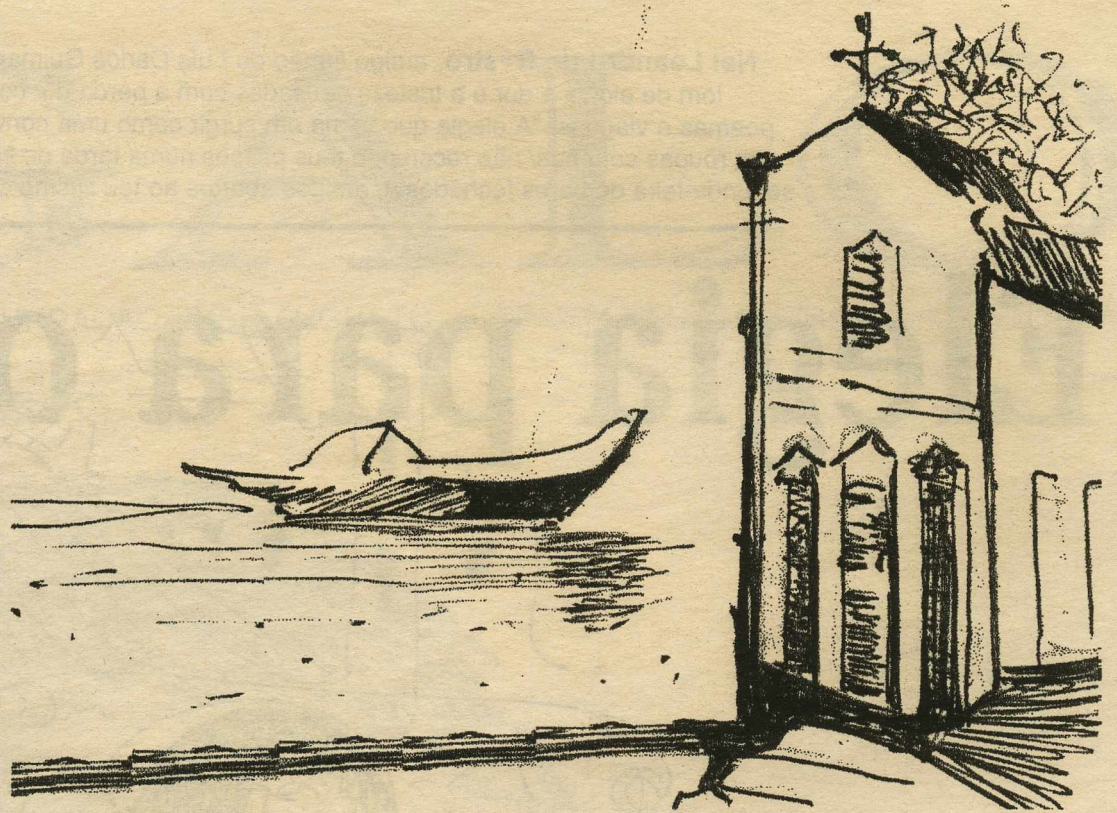
Os acadêmicos Diógenes da Cunha Lima, Luís Carlos Guimarães e João Wilson Mendes Melo, vestidos com o fardão e demais acessórios acadêmicos, na companhia de Oswaldo Lamartine, durante uma visita que este fez à Academia Norte-rio-grandense de Letras

misterioso:/ 'Chegarei crepuscular, vestido de Pierrô./ a) Arlequim'./ Não se permite a cortesia/ de um breve telefonema/ ou de uma mensagem cifrada./ Sequer deixa um cartão/ debaixo da porta./ Nem uma carta anônima/ oculta sob o tapete./ Chega sem avisar,/ com o estardalhaço/ de uma sirene solfejando/ um poema rouco./ Bate no peito com um soco./ Não tocaia, ataca/ com lâmina rombuda,/ fecha as comportas/ do vaso coronário,/ abrupto se espalha/ nos braços e pescoço,/ grita no espelho/ o coágulo sangüíneo,/ a morte iminente,/ o vômito, a angústia, a dor precordial./ Debaixo da língua,/ Isordil, Isordil,/ chamarei teu nome em vão?// Se o enfarte vier,/ atravessarei/ a ponte de safena?"

Durante algum tempo residiu em João Pessoa, período em que concebeu e publicou "Pauta de passarinho", em cuja contracapa escrevi: "Os poemas minimalistas que Luís Carlos Guimarães reúne neste livro tratam de miudezas, das migalhas de Deus. São grilos, cantos de muro, lagartixas, palitos de fósforo, toda uma arraia-miúda que, para os mais circunspectos, não passa de sobejo ou de uma espécie de escória temática. Porém, a grandeza desses poemas minimalistas consiste justamente em ter sabido reciclar o aparente monturo que, para muitos, apenas atravanca os caminhos da poesia".

Infelizmente não o vi, mas apenas o ouvi pela última vez quando, no mês de março, telefonou-me para acusar e agradecer o recebimento de "Longe daqui, aqui mesmo - A poética de Mario Quintana", livro de minha autoria. A voz débil já denotava a fragilidade da saúde.

Morreu Luís Carlos Guimarães no dia 22 de maio, em Natal, Rio Grande do Norte. Mas, se morreu o homem, restamos pelo menos um consolo: o poeta permanece no vigor dos versos. E embora tenhamos perdido um jeito particular de ver o mundo através de novos poemas abruptamente interrompidos pela "indesejada das gentes", os que ficaram já garantem a perenidade da sua obra. Todos - excetuando-se os inéditos - enfeixados nos livros "O aprendiz e a canção", "As cores do dia", "Ponto de fuga", "O sal da palavra", "Pauta de passarinho", "A lua no espelho" e "O fruto maduro". Já em "113 traições bem-intencionadas", traduziu um punhado de poetas - principalmente os de língua espanhola - com os quais dialogou durante quase toda a vida. Uma vida inteira dedicada às amizades e à poesia.



O advogado e escritor **Ciro José Tavares**, residente em Brasília, evoca leituras de Luís Carlos Guimarães - "Recorro ao livro que diz acreditar que luas existem nos espelhos" - onde lê versos que lhe trazem ecos de Baudelaire. E pouco a pouco, captura uma atmosfera de presságios e augúrios com que se despede do poeta, "às portas dos campos elíseos".



Os sinos de Nêmesis

Visão ou sonho, não sei ao certo. O fato é que o dobre entristecido dos sinos mágicos de Nêmesis despertaram-me no meio da madrugada. A cortina gasta e distendida da pequena janela da água - furtada, balançou empurrada pelo vento, como se fosse a claridade de uma estrela de Shelley, tremeluzindo sobre o mar agitado do golfo de Spezia. A melancolia prosseguiu viajando no som dos sinos, enquanto eu observava, pelas aberturas do meu ambiente, a enorme solidão que assaltava as ruas naquele momento de tonalidades azuladas, pintado e oferecido pelo pai do tempo.

Recorro ao livro que me diz acreditar que luas existem nos espelhos e leio alguns versos que lembram Baudelaire:

"Nem também o gemido de agonia abafado nos arcos de uma galeria. Apenas sussurro que logo se cala Com o hálito de morte que exala."

Nos meus espelhos, contudo, somente lembranças passam repetidas, até que descubro a razão do toque fúnebre dos sinos. Nos campos elísios, a deusa está abrindo seus portões para receber um dos eleitos e não me conformo diante da notícia vespertina de que o generoso coração de Luís Carlos Guimarães resolveu, intempestivamente, abandoná-lo na esperança de que se transformasse menestrel de espaços infinitos.

Mas, Luís que tinha um encontro marcado com Cristo, a uma e meia da manhã, resolveu antecipá-lo, conduzido pela impulsividade byroniana que aquece o espírito dos grandes poetas na travessia dos insondáveis e inexoráveis labirintos e porque enebriado pelo néctar dos deuses "adormeceu sobre finíssimas lâminas de ouro".

Nei Leandro de Castro, amigo /irmão de Luís Carlos Guimarães, traduz em tom de elegia a dor e a tristeza causadas com a perda do companheiro de poemas e viagens: "A elegia que teima em surgir como uma convidada vestida em roupas soturnas/ não recompõe teus passos numa tarde de Natal, /numa segunda-feira de bares fechados /e amigos abertos ao teu lirismo congênito».



Elegia para o poeta

Luís Carlos Guimarães



Nei Leandro de Castro

Todas as elegias são inúteis
como uma lareira sob o vendaval,
como um pacto de amor no sonho que se esvai,
como uma dor que não eleva, apenas dói.
Uma elegia, amigo, não devolve
o essencial do teu olhar sobre as coisas líricas,
o gesto que enlaçava a poesia como um abraço,
o calor humano que emanava de ti
e queimava qualquer possibilidade
de desencontro, de desencanto, de desamor.
A elegia que teima em surgir
como uma convidada vestida em roupas soturnas
não recompõe teus passos numa tarde de Natal,
numa segunda-feira de bares fechados
e amigos abertos ao teu lirismo congênito.

Não, a elegia não traz de volta a tua voz saudando vinhos,
elegendo poemas, tocando na última esquina
os peitos dormidos de uma casada infiel.
A elegia traz lembranças e as lembranças
são belas mas doem como um soco, um espasmo
que conduz ao infarto do miocárdio.
As lembranças me conduzem, prisioneiro de mãos atadas,
aos primeiros poemas, aos porres inaugurais,
ao vinho bebido, quase pela última vez,
numa calçada do Porto, junto à beleza melancólica
dos poetas portugueses.
A elegia não refaz a amizade, não responderá
semanalmente as minhas cartas. Não atende telefone.
Uma elegia, meu amigo Luís Carlos Guimarães,
é uma forma de dor que não quero mais para mim.
Melhor é me ferir no gume delicado dos teus versos.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 2001.